

# O sujeito de primeira pessoa em *tweets*: um olhar sociofuncionalista



Jenifer Santos Bezerra

# O sujeito de primeira pessoa em *tweets*: um olhar sociofuncionalista

Araraquara  
Letraria  
2024

# FIGHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Bezerra, Jenifer Santos

O sujeito de primeira pessoa em *tweets* [livro eletrônico]:  
um olhar sociofuncionalista / Jenifer Santos Bezerra. -  
Araraquara, SP: Letraria, 2024.

PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-075-5

1. Funcionalismo (Linguística) 2. Redes sociais on-line  
3. Sociolinguística 4. Sujeito I. Título.

24-208661

CDD-410.7

## **Índices para catálogo sistemático:**

1. Linguística : Estudo e ensino 410.7

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

# CONSELHO EDITORIAL

Adilio Junior de Souza (URCA)

José Marcos Ernesto Santana de França (URCA)

*À Lolita, à Charlotte e à mainha, por serem o meu alicerce e as minhas maiores inspirações.*



O presente estudo foi publicado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

(Guimarães Rosa)

*Deve haver uma forma de concluir sem finalizar.*

(Pio Vargas)

# SUMÁRIO

<b>Algumas palavras a título de prefácio</b>	<b>10</b>
<b>À guisa de apresentação</b>	<b>12</b>
<b>Considerações iniciais</b>	<b>15</b>
<b>1 A representação do sujeito pronominal nos estudos linguísticos</b>	<b>18</b>
<b>2 A Sociolinguística Variacionista</b>	<b>24</b>
<b>3 Funcionalismo linguístico</b>	<b>32</b>
<b>4 Análise de gêneros</b>	<b>38</b>
<b>4.1 Gêneros textuais emergentes</b>	<b>43</b>
<b>5 Caminhos percorridos</b>	<b>47</b>
<b>5.1 O corpus</b>	<b>49</b>
5.1.1 A rede social Twitter	51
5.1.1.1 O <i>tweet</i> como gênero	54
<b>5.2 Variável dependente</b>	<b>56</b>
<b>5.3 Variáveis independentes</b>	<b>56</b>
5.3.1 Fatores linguísticos	56
5.3.1.1 Ênfase	57
5.3.1.2 Ambiguidade	58
5.3.1.3 Conexão discursiva	60
5.3.1.4 Tipo sintático da oração	63
5.3.2 Fatores extralinguísticos	64
5.3.2.1 Faixa etária	65
5.3.2.2 Sexo/gênero	65

<b>6 Onde chegamos</b>	<b>67</b>
<b>6.1 Comportamento dos fatores linguísticos</b>	<b>71</b>
6.1.1 Ênfase	71
6.1.2 Ambiguidade	72
6.1.3 Conexão discursiva	73
6.1.4 Tipo sintático da oração	75
<b>6.2 Comportamento dos fatores extralinguísticos</b>	<b>78</b>
6.2.1 Faixa etária	78
6.2.2 Sexo/gênero	79
<b>7 Para terminar...</b>	<b>81</b>
<b>Referências</b>	<b>85</b>
<b>Sobre a autora</b>	<b>94</b>

# Algumas palavras a título de prefácio...

A passagem por um curso de graduação não é uma tarefa das mais fáceis, mas pode proporcionar ao aluno frutos que vão além do almejado diploma e que podem conduzi-lo ao início de um novo ciclo na construção do seu conhecimento. Nesse percurso, a paixão por uma dada área pode se apresentar e conduzir o aluno por caminhos que o aproximem cada vez mais da sua área de interesse. É aqui o ponto de partida, mas também o de chegada da obra em questão intitulada *O sujeito de primeira pessoa em tweets: um olhar sociofuncionalista*, de autoria de Jenifer Santos Bezerra.

Esta obra é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da autora e marca o fim de um ciclo dentro da sua jornada acadêmica iniciada em 2017, quando do seu ingresso no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Regional do Cariri, instituição pública localizada no sul do estado do Ceará.

A autora nos conduz de forma clara e competente por uma discussão em torno da variação do sujeito pronominal no Português Brasileiro, utilizando como *corpus* para o seu estudo *tweets* da rede social anteriormente chamada Twitter, atual X. A pesquisa fundamenta-se em duas abordagens teóricas: a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico Norte-Americano, além dos estudos sobre a análise de gêneros, e traz à cena os frutos de sua passagem pela graduação em Letras. O texto segue uma sequência que nos permite conhecer o objeto de estudo pesquisado, além de um conjunto de pesquisas desenvolvidas sobre o tema. Também nos leva a uma caminhada linguística por entre as abordagens teóricas utilizadas, pontuando uma a uma, para, em seguida, traçar o percurso metodológico adotado, a fim de obter os resultados da pesquisa, apresentá-los e deles extrair as conclusões necessárias para o fechamento do estudo.

Assinalamos aqui dois aspectos importantes na obra que servem de lastro para pesquisadores iniciantes (ou não) que tenham interesse em pesquisas dentro uma perspectiva sociofuncionalista da linguagem, que se interessem pelo estudo de gêneros da esfera digital ou simplesmente que precisem de um modelo de trabalho científico descrito e apresentado de forma objetiva e contextualizada com a apresentação de base teórica sólida e de um passo a passo metodológico de fácil compreensão.

O ponto de partida no início da graduação e ponto de chegada a esta obra marcam o caminho que nós professores almejamos para todo aluno e que a autora percorreu não sem dificuldades, pois a pesquisa científica, a construção de um trabalho de conclusão de curso e sua posterior publicação não são tarefas das mais simples ou fáceis. Assim, ao concluirmos

estas poucas linhas que não traduzem o todo do reconhecimento necessário à obra e à autora, ficamos com a certeza de que esta é a porta aberta para futuras obras da pesquisadora, uma vez que o caminho do conhecimento segue ao “infinito e além”.<sup>1</sup>

**Sandra Espínola dos Anjos**

Universidade Regional do Cariri

Crato-CE, 12 de abril de 2024.

---

<sup>1</sup> Célebre frase do personagem Buzz Lightyear. Vide: <https://www.disney.com.br/novidades/a-verdadeira-historia-da-frase-ao-infinito-e-alem>.

# À guisa de apresentação

Penso que toda pesquisa deveria ser movida por alguma paixão, seja por seu objeto, pelos pressupostos teórico-metodológicos adotados, pelas inquietações que suscitaram o seu problema propulsor, seja pelas vivências e experiências adquiridas durante o processo. A imprescindibilidade da objetividade científica não necessariamente nos impede de realizarmos um estudo com paixão. Ao contrário, quando estamos apaixonados pelo que fazemos, além de tornarmos o percurso mais leve, sentimo-nos mais impulsionados na busca pelas respostas de nossos questionamentos e na geração de tantos outros.

O estudo que o leitor encontrará neste *e-book* corresponde a uma versão atualizada do meu texto monográfico acerca da representação pronominal de primeira pessoa do singular em *tweets* apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Regional do Cariri (URCA), em 2022. Mas, para além disso, as páginas subsequentes nasceram de paixões diversas que estão presentes em cada detalhe. Em termos teórico-metodológicos, filiei-me à Sociolinguística, a qual me foi apresentada ainda no segundo semestre da graduação, embora o conhecimento mais profundo de suas facetas tenha vindo um ano depois, a partir das discussões empreendidas no Núcleo de Estudos Linguísticos do Cariri (NELC), um grupo de pesquisa coordenado por professores da URCA e do qual, orgulhosamente, fui membra. Assim, antes de desenvolver essa pesquisa, eu já sabia que os postulados sociolinguísticos seriam capazes de marcar a minha jornada como cidadã e cientista.

Imagina quão fantástica é a possibilidade de investigarmos as línguas a partir da multiplicidade de fatores sociais, históricos e culturais que atuam como motivações da variação e da mudança linguística efetivadas por seus falantes, sob a interpretação de dados numéricos. A união de elementos, a princípio, díspares – a metodologia quantitativa nos estudos da linguagem – nos mostra que as ciências não são excludentes. Ao contrário, as relações entre áreas diversas transcendem as suas discrepâncias e seguem na contramão dos estereótipos que a elas são historicamente vinculados. Nesse caminho, a também capacidade de articulação da Sociolinguística com outras teorias, com efeito, é uma de suas características que mais me fascinam, seja com vertentes externas ou internas à grande área da Linguística.

Pensando nisso, notei que os gêneros textuais-discursivos também motivam as ocorrências das variáveis de uma língua e que, conseqüentemente, o estudo daqueles faz-se fulcral para a compreensão dessas. Afinal, deparamo-nos com as variações linguísticas por meio de gêneros. Os graus de formalidade e informalidade são, por exemplo, um dos aspectos definidores do

estilo dos gêneros e, dessa forma, interferem nos usos linguísticos dos falantes, mas não apenas isso: seu suporte, os propósitos de seus usuários e sua atuação na comunicação social também são fatores decisivos na constituição de um gênero e das escolhas dos seus sujeitos falantes entre as variantes de uma língua. Desse modo, ao focalizar o meu objeto de estudo, devo destacar que há gêneros que privilegiam a ocorrência da forma nula do sujeito pronominal, enquanto outros tendem a favorecer a sua forma expressa.

Eu, particularmente, tenho um interesse especial pela variação linguística presente em gêneros que emergem em espaços virtuais, dentre os quais se destacou, aos meus olhos, aquele que circula no Twitter/X. Não que eu fosse uma *twitteira* engajada, pelo contrário. Até o início da minha pesquisa, eu não possuía familiaridade suficiente com a referida rede social, mas previamente já podia notar particularidades instigantes na comunicação de seus usuários. Diante da minha inferência, considerei que ainda havia muito o que se questionar quanto à constituição dos textos produzidos e/ou publicados no Twitter/X e ao gênero que os engloba.

Mais uma vez, pude casar uma paixão às questões científicas, posto que, a fim de pesquisar a representação pronominal de primeira pessoa do singular recorrente nos textos veiculados no Twitter/X, eu deveria, inicialmente, compreender a constituição genérica desses. Por essa razão, além dos construtos teóricos sociolinguísticos concebidos por Labov, Weinreich e Herzog, busquei, para o empreendimento do estudo aqui apresentado, subsídios em pesquisadores diversos da Análise dos Gêneros, mas que não possuem abordagens estanques – como Bakhtin, cuja preocupação volta-se à historicidade dos discursos, e Marcuschi, cujo estudo recai sobre a materialidade textual – em consonância com a proposta teórico-metodológica de Biazolli e Berlinck, que sugerem, e aqui atendo, a adoção da nomenclatura *gêneros textuais-discursivos*, a qual já fiz referência nesta apresentação.

Minha fundamentação, contudo, ainda não havia parado por aí: uma vez que as variações linguísticas efetivadas em um único gênero podem ser explicadas por suas funções dentro do discurso, senti a necessidade de recorrer aos pressupostos funcionalistas de autores tais como Givón e Kiparsky, para que eu pudesse perceber as razões que levam os usuários do Twitter/X à utilização tanto do sujeito nulo quanto do sujeito exposto em momentos diferentes nos textos produzidos e/ou difundidos no Twitter/X. Logo, considerei oportuna a elaboração de uma pesquisa inserida na corrente sociofuncionalista, a qual, desenvolvida, sobretudo, no Brasil, nasce da fusão entre os postulados sociolinguísticos e funcionalistas, e, assim, realizei um estudo em que três correntes dos estudos linguísticos demonstraram, mais uma vez, o sucesso de sua conciliação em um percurso teórico-metodológico que tende a nos revelar resultados valorosos para a compreensão dos fenômenos variáveis da língua portuguesa.

Ancorada nesses pressupostos, compartilho aqui o fruto de muitas noites em claro, mas das quais apreciei cada instante. Houve medo e insegurança, mas houve felicidade em todo o percurso e isso devo também às várias vozes que me acolheram no período mencionado. O aproveitamento pleno da trajetória de desenvolvimento da pesquisa, desde os primeiros passos dados na construção do projeto de pesquisa à etapa final de ajustes sugeridos pela banca examinadora, e a minha transformação como pesquisadora foram o meu verdadeiro sucesso. Os resultados satisfatórios dos quais, hoje, podemos usufruir são apenas, ainda que de muito valor, a consequência do amor e cuidado depositados.

Em vista disso, espero que a minha pesquisa suscite no leitor, de algum modo, novas questões apaixonantes e que suas respostas sejam alcançadas em um percurso também vitorioso, já que, em consonância com a frase do poeta Pío Vargas que compõe a epígrafe do presente *e-book*, acredito que uma pesquisa não finda, uma vez que é concluída somente em decorrência de organizações temporais institucionalizadas, e, por essa razão, abre espaço para que outras pesquisas venham a emergir.

# Considerações iniciais

No âmbito da Linguística, muito se discute sobre a descrição da variação do sujeito pronominal no Português Brasileiro (doravante PB) e se busca a compreensão desse fenômeno. Como tantas outras, essa variação pode ser analisada sob critérios que estejam ancorados tanto na ótica do paradigma formal da língua, quanto na do paradigma funcional. Estudos filiados a este último demonstram que o gênero pode estar intimamente associado às escolhas feitas acerca da variável mencionada (Lima, 2014; Paredes Silva, 1988, 2007; Paredes Silva; Pinheiro, 2020), o que nos parece pertinente, uma vez que a materialização da língua se dá por meio dos gêneros, os quais integram o contexto situacional das variáveis linguísticas. Dessa forma, é evidente a possibilidade de sua influência na escolha do falante entre a forma expressa e a forma nula do sujeito (EU quero é contemplar a lua/ Ø consegui realizar o exame de sangue).

Contemporaneamente, o *ciberespaço*<sup>2</sup> é responsável pelo surgimento constante de novos gêneros, os quais se constituem como formas inovadoras de comunicação e interação. Entretanto, ainda são poucas as pesquisas sociolinguísticas que se preocupam com o funcionamento de textos circunscritos à esfera digital e com a comparação entre essas produções e aquelas realizadas na escrita prototípica ou na fala (Pinheiro, 2021). No que tange à Sociolinguística Variacionista, cumpre destacar que os textos que circulam em redes sociais, como Twitter e Facebook, por exemplo, podem ser de grande valia para que se possa minimizar o “paradoxo do observador” (Labov, 2008), posto que, nessas circunstâncias, os falantes costumam adotar uma linguagem informal, à qual os próprios sujeitos podem conferir um menor monitoramento.

Impera, pois, a necessidade de analisar como a variável sujeito pronominal vem se manifestando no contexto digital. Todavia, diante da multiplicidade de gêneros que daí emergem, limitamo-nos ao *tweet*, cujo suporte é a rede social Twitter, o que nos permite formular o problema norteador desta obra: como a representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular se realiza no gênero *tweet*? Desse modo, somos direcionados a outras indagações:

- a) Quais fatores linguísticos contribuem para a variável representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular?
- b) Como os fatores extralinguísticos sexo/gênero e faixa etária influenciam na variação da representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular?

---

<sup>2</sup> Reportamo-nos aqui ao conceito de *ciberespaço* dado por Lévy (1999), que o define como o meio de comunicação nascido da interconexão de computadores, em abrangência mundial, que engloba não somente os aspectos estruturais, mas também todo seu “universo” de informações e as pessoas que o compõem.

- c) Qual é a relação que a variação na realização do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular no gênero *tweet* mantém com o que se percebe em outros trabalhos sobre a mesma variável na fala e na escrita prototípica?

Em nossa hipótese primária, relacionada à questão central, inferimos que a representação do sujeito de primeira pessoa do singular em *tweets* se realiza, majoritariamente, na sua forma não preenchida, visto que esse gênero materializa-se a partir da pergunta “o que está acontecendo?”, disponibilizada pelo Twitter. Assim, o *tweet* tenciona a transmissão de informações, o que não exige, necessariamente, a interação entre duas ou mais pessoas, a qual poderia influenciar na marcação do sujeito em discussão, como poderia ocorrer no gênero *chat*, também chamado de “bate-papo”. A partir disso, sustentamos as seguintes hipóteses secundárias:

- a) *A conexão discursiva, a ênfase, o tipo sintático da oração e a ambiguidade* são fatores linguísticos que contribuem para a variável representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular;
- b) Quanto aos fatores extralinguísticos, as mulheres priorizam o sujeito expesso, já os homens favorecem o sujeito nulo. No tocante à faixa etária, os mais jovens utilizam com mais frequência o sujeito expesso, enquanto os mais velhos privilegiam a forma nula do sujeito de primeira pessoa do singular;
- c) A expressão do sujeito pronominal na escrita virtual é menos frequente quando comparada ao que se percebe na fala, logo, aproxima-se do que já foi percebido em trabalhos anteriores sobre a escrita prototípica.

Diante do que foi descrito acima, concentrar-nos-emos em nosso objetivo geral que é analisar, à luz do Sociofuncionalismo, a representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular em textos do gênero *tweet*, coletados de perfis pessoais do Twitter. Aliados ao propósito já mencionado, incluímos os subseqüentes objetivos específicos:

- a) verificar quais fatores linguísticos influenciam a variação entre o sujeito pronominal expesso e o sujeito pronominal nulo de primeira pessoa do singular no *tweet*;
- b) investigar a influência de fatores extralinguísticos na representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular no gênero supracitado;
- c) comparar a representação do sujeito pronominal na escrita virtual com trabalhos anteriores sobre a mesma variável na fala e na escrita prototípica.

Este trabalho justifica-se, portanto, pela necessidade de lançar luzes sobre a escrita virtual. Esperamos contribuir para os estudos linguísticos acerca dos sujeitos pronominais e para uma maior compreensão sobre a realização do português brasileiro em gêneros textuais-discursivos que emergem na *web*.

Reconhecemos, como já mencionamos, que o fenômeno em foco é amplamente investigado, inclusive quando relacionado a gêneros textuais-discursivos. Contudo, não encontramos nenhum estudo direcionado ao gênero *tweet*: Paredes Silva (1988) e Genuino (2017) se preocupam, respectivamente, com a escrita prototípica e a fala; Lima (2014), embora trate da escrita digital, detém-se no gênero *blog*, o qual difere do gênero em questão, entre outros aspectos, por sua velocidade, dinamicidade e extensão. Por fim, Paredes Silva e Pinheiro (2020), em um estudo comparativo, restringem sua comparação entre resultados de estudos na escrita, ignorando o que se tem sobre a fala. Dessa maneira, pretendemos preencher uma lacuna nas pesquisas linguísticas, ao focar a realização do sujeito pronominal no gênero *tweet*.

A metodologia aplicada consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental, cujos dados coletados foram analisados sob uma abordagem quali-quantitativa. Para isso, compomos um *corpus* a partir de mensagens de 36 perfis pessoais do Twitter, os quais foram selecionados por faixas etárias preestabelecidas e do sexo/gênero. Nos processos de submissão e codificação dos dados, recorreremos ao pacote computacional GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

Para os fins estabelecidos, alicerçamo-nos na fusão entre a Sociolinguística Variacionista (Labov, 1990, 1994, 2001, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006) e o Funcionalismo Linguístico Norte-Americano (Givón, 1991, 2001). Valemo-nos, ainda, dos estudos de análise dos gêneros (Bakhtin, 2016; Marcuschi, 2001, 2002, 2008, 2010, 2011; Xavier, 2010). Ademais, os resultados aqui obtidos foram comparados àqueles alcançados por Paredes Silva (1988) e Genuino (2017) sobre o mesmo fenômeno na escrita prototípica e na fala, respectivamente.

Cabe-nos, nesse ínterim, esclarecer como organizamos e estruturamos os capítulos do presente texto: após esta introdução, no primeiro capítulo, apresentaremos alguns estudos sociolinguísticos sobre o tema em discussão, contemplando ambos os paradigmas da Linguística; posteriormente, do segundo ao quarto capítulo, elucidaremos os princípios e conceitos referentes à nossa fundamentação teórica, cujos capítulos englobam a Sociolinguística Variacionista, o Funcionalismo Linguístico e a Análise de Gêneros, respectivamente; no quinto capítulo, buscaremos descrever os aspectos metodológicos estabelecidos para o desenvolvimento da pesquisa; no sexto capítulo, traremos a análise dos dados e, finalmente, manifestaremos nossas considerações finais.

1.

# A representação do sujeito pronominal nos estudos linguísticos

A Linguística, em linhas gerais, apresenta duas grandes correntes de pensamento segundo as quais suas investigações acerca da língua são conduzidas: a formalista e a funcionalista. Logo, as pesquisas sociolinguísticas, ainda que assistidas pelos mesmos aspectos metodológicos, podem seguir um destes parâmetros na interpretação de seus dados. Por isso, é comum encontrarmos trabalhos sobre a representação do sujeito pronominal filiados a uma das duas abordagens.

Apesar de o nosso estudo ser orientado pelo Funcionalismo, é necessário expor também, mesmo que limitada e brevemente, o que pensam os formalistas. Nesta ótica, possui uma posição de relevo a tese de Duarte (1995) intitulada *A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro*, a qual busca analisar, por meio da Sociolinguística Paramétrica<sup>3</sup>, o uso do sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do PB.

Com base em um estudo no qual se propôs verificar a realização do sujeito nulo no português europeu coloquial e em uma pesquisa diacrônica sobre o sujeito no PB em textos de peças teatrais (Duarte, 1993 *apud* Duarte, 1995), a autora analisou dois *corpora*: o primeiro diz respeito a gravações, feitas em 1992, da fala de 13 sujeitos, os quais, com formação superior e pertencentes a ambos os sexos, foram distribuídos em três grupos de faixa etária; o segundo corresponde a um material de duas horas de gravação de entrevistas de rádio e duas horas de entrevistas veiculadas pela televisão, com profissionais de diversas áreas, os quais, em sua maioria, possuíam formação acadêmica.

Duarte (1995) argumenta em favor de que o PB estaria perdendo o princípio “Evite pronome”<sup>4</sup> proposto inicialmente por Chomsky (1988), visto que, embora o sujeito nulo não tenha desaparecido da língua, há uma preferência por sua forma expressa. Como uma das razões dessa perda, a autora levanta a hipótese da redução do paradigma pronominal, a partir da perda dos pronomes “tu” e “vós” e sua substituição por “você/vocês”, bem como a preferência pelo “a gente” em relação ao “nós”, formas que possuem a mesma flexão verbal que a terceira pessoa.

Os resultados alcançados por Duarte (1995) revelam que o PB, realmente, perdeu o princípio “Evite pronome”. Para essa pesquisa, a faixa etária se mostra como um condicionante essencial: pessoas mais velhas tendem a omitir o sujeito, enquanto jovens utilizam mais sua forma expressa. Duarte (1995) salienta que a primeira e segunda pessoas são mais suscetíveis ao uso do sujeito pleno do que a terceira pessoa, que se mostrou resistente a essa variante mais

---

3 A Sociolinguística Paramétrica, sugerida inicialmente no artigo científico *Por uma sociolinguística românica “paramétrica”: fonologia e sintaxe* (Tarallo, 1985), nasce da conexão entre a Sociolinguística Variacionista e a Teoria dos Princípios e Parâmetros.

4 O princípio “Evite pronome” apregoa que, devido aos aspectos morfológicos de línguas *pro-drop* (de sujeito nulo), o pronome com função de sujeito não deve ser inserido em seus enunciados, exceto em casos específicos, nos quais se procura evitar imprecisão ou conferir ênfase ao sujeito.

inovadora. A autora ressalta, dessarte, que a mudança na realização do sujeito ainda está em curso.

Othero e Spinelli (2019) investigam a ocorrência de sujeitos nulos e pronominais em duas peças teatrais cariocas, *Sinfonia Sonho* e *Maravilhoso*, escritas por Diogo Liberano nos anos de 2011 e 2013, respectivamente, a fim de dar continuidade ao trabalho de Duarte (1993 *apud* Duarte, 1995) e verificar se o PB está, diacronicamente, favorecendo a forma expressa dos pronomes, como no trabalho anterior.

Ademais, os autores verificam se a proposta de gênero semântico de Creus e Menuzzi (2004), inicialmente testada no objeto nulo e pronominal, também se aplica ao sujeito nulo e pronominal, já que “[...] se o objeto nulo parece poder ser explicado por uma questão de concordância de gênero semântico, podemos tentar estender essa hipótese para o fenômeno do sujeito nulo [...]” (Othero; Spinelli, 2019, p. 13). O que Othero e Spinelli (2019) chamam de gênero semântico se refere, conforme a definição de Creus e Menuzzi (2004), à classificação semântica de substantivos, os quais só podem possuir este gênero caso sejam substantivos que dizem respeito a indivíduos ou classes de indivíduos animados, cujo sexo biológico possa ser identificado, como em “mulher/homem”.

Finalmente, os resultados de Othero e Spinelli (2019) corroboram a hipótese de Duarte (1993, *apud* Duarte 1995): o PB, realmente, vem favorecendo o sujeito em sua forma preenchida. A primeira e a segunda pessoas continuam com altos índices de preenchimento, com 72% e 76,6% respectivamente. A terceira pessoa, atualmente, em oposição ao que se encontrou em Duarte (1995), apresenta forte tendência ao uso do sujeito pronominal explícito, cujo percentual é de 71% dos casos. A proposta de gênero semântico também é promissora: os sujeitos pronominais preenchidos, preferencialmente, retomam referentes com gênero semântico marcado, indicando uma possível relevância do gênero semântico para a realização do sujeito pronominal. Os pesquisadores ressaltam, no entanto, que é imprescindível uma investigação minuciosa, posteriormente.

Em se tratando dos estudos funcionalistas, destacamos a tese de doutorado desenvolvida por Paredes Silva (1988), a qual servirá de amparo para a pesquisa aqui empreendida. Em *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*, Paredes Silva (1988) visa a responder em quais momentos se dá a omissão e a expressão do sujeito pronominal nas três pessoas do discurso e quais condicionantes estão relacionados a essa escolha.

Na fundamentação pela qual optou, a autora explica que a Teoria da Variação Linguística tem utilidade no tratamento quantitativo dos dados, enquanto os princípios do Funcionalismo Norte-Americano permitem que o fenômeno seja investigado em um âmbito mais abrangente do que

a frase, o discurso. Assim, considera-se os participantes e o contexto em que a comunicação se insere, coadunando com o conceito de texto dado, em outro trabalho, por Paredes Silva (2016), pois, ao assumir esta imbricação, a autora entende texto como tudo que ultrapassa o âmbito da frase, conforme a própria Linguística Textual conduz suas investigações.

Nas palavras da autora, a tese defende “[...] a estreita relação entre o fenômeno morfo-sintático investigado e as condições discursivo-pragmáticas em que se produz [...]” (Paredes Silva, 1988, p. 12-13). É aí que a fusão entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo entra em ação, haja vista a intrínseca relação entre aspectos internos e externos à estrutura da língua presente em seus usos reais. Para isso, a autora conta com uma amostra constituída por cartas pessoais de jovens e adultos cariocas, sendo 18 sujeitos do sexo masculino e 24 do sexo feminino. A pesquisadora pretende provar que a escolha da forma de representação do sujeito não se dá apenas por questões estilísticas, pois atende a necessidades específicas da comunicação, prevalecendo o condicionamento exercido pelo gênero do discurso que, em seu caso, é a carta pessoal (Paredes Silva, 1988).

Os condicionantes linguísticos investigados pela autora recebem um tratamento diferenciado em cada pessoa e correspondem à *mudança de referência*, *conexão do discurso*, *ambiguidade*, *ênfase*, *tipo sintático da oração*, *posição das orações*, *distância do referente*, *número gramatical* e *status informacional do referente do sujeito*, este último diz respeito somente à terceira pessoa que, seguindo a premissa de Benveniste (1991), é considerada uma não-pessoa. A *conexão do discurso* merece destaque, porque é uma proposta da própria autora em substituição à *mudança de referência*, já que, embora essa tenha sido válida em trabalhos anteriores, aquela acompanha, de forma mais detalhada, o percurso do referente-sujeito, seguindo uma escala em seis graus, como será mais bem explicado, posteriormente. Já os condicionantes extralinguísticos analisados foram a *idade* e o *sexo* dos participantes.

Os resultados mostram que os condicionantes linguísticos são, em suma, mais importantes para esta variável do que os condicionantes sociais. É oportuno sublinhar que a proposta da *conexão discursiva* foi selecionada em primeiro lugar em todas as pessoas, já a *mudança de referência* foi excluída pelo programa VARBRUL. Por conseguinte, a *conexão discursiva*, se sobrepondo à *mudança de referência*, tem uma notória relevância para a análise deste fenômeno.

Ao apoiar-se em Paredes Silva (1988), Lima (2014) busca verificar como a escrita digital, na qual prevalece a informalidade, se comporta em relação à expressão do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular, tendo em vista a pertinência de se estudar os gêneros do discurso, nos quais é possível apreender os contextos de uso das variáveis linguísticas. Para isto, seu *corpus* foi constituído por relatos pessoais retirados de *blogs* de viagem. Além disso, a autora

lança uma discussão em relação aos gêneros e às tipologias textuais, a fim de advogar sobre o estatuto de gênero atribuído ao *blog*, no qual, tendo como suporte a *web*, há a predominância das sequências narrativa e descritiva.

A autora analisou os condicionantes linguísticos *contraste (ênfase)*, *ambiguidade*, *conexão discursiva*, *paralelismo linguístico*, *tipo sintático da oração* e *semântica verbal*, dentre os quais apenas esses dois últimos não foram selecionados pelo programa utilizado. Os resultados gerais apontam para 77% de omissão do sujeito de primeira pessoa do singular, o que Lima (2014) relaciona ao gênero então abordado, uma vez que, embora o *blog* esteja no ambiente digital, mantém o conservadorismo da escrita não imediata. Em vista disso, a autora reforça as transformações que os gêneros digitais estão sofrendo, em decorrência da necessidade de aumento na interação entre os usuários e, por isso, reconhece a importância de ampliação futura da pesquisa em gêneros de caráter mais imediato.

Genuino (2017), ao também basear-se no Sociofuncionalismo, concentra-se na análise de 46 entrevistas de uma amostra que integra o acervo do projeto “Português Falado na Cidade de Vitória” (PortVix), com o objetivo de descrever e analisar a variável representação do sujeito pronominal no português falado em Vitória-ES. Para isso, a análise foi realizada nas três pessoas do discurso, sem estabelecer distinção entre singular e plural, posto que o tratamento dado às pessoas do discurso as relaciona a questões discursivas e não morfológicas (Genuino, 2017).

O autor compara seus resultados com alguns fatores sociais explorados por Duarte (1995), embora, de modo oposto à autora, não se ampare na Sociolinguística Paramétrica. O trabalho de Paredes Silva (1988) também é essencial para essa pesquisa, por trazer a possibilidade de cotejo entre fatores linguísticos e sociais e priorizar o discurso. Além disso, alguns dos fatores analisados pela pesquisadora também foram considerados em seu estudo.

Genuino (2017) conclui que o sujeito pleno é frequentemente utilizado no falar de Vitória e que as variáveis discursivo-funcionais são essenciais para esse resultado. Já os fatores sociais (*sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*) surpreendem o autor, visto que todos foram considerados relevantes, ao contrário do que se percebe em outros estudos.

Outro trabalho de grande pertinência para nossa pesquisa é o de Paredes Silva e Pinheiro (2020) acerca do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular e do objeto direto de terceira pessoa em referência anafórica, na *web*, na escrita prototípica e na fala. Nesta última modalidade, contudo, o único fenômeno investigado aqui é o objeto direto de terceira pessoa. O intuito central dos autores é ilustrar questões no que concerne à caracterização dos gêneros em âmbito digital e, para isso, realizaram um comparativo entre o que se percebeu em pesquisas anteriores com esta temática.

Desse modo, os linguistas se valeram da pesquisa de Lima (2014), na qual o sujeito de primeira pessoa analisado em *blogs* de viagem revelou-se, em sua maioria, omissivo, como nas cartas analisadas por Paredes Silva (1988). O objeto direto em referência anafórica, verificado no artigo de Pinheiro (2017), por seu turno, mostrou forte tendência ao uso do pronome zero na escrita digital, mais especificamente no gênero *chat* do aplicativo WhatsApp, sob a investigação das variantes nome, anáfora zero, pronome expresso e o clítico acusativo. Paredes Silva e Pinheiro (2020) citam, também, um artigo cuja análise da referida variável se dá por meio de uma amostra gravada da fala de meninos cariocas em um regime socioeducativo (Pinheiro, 2016), a qual também teve como resultado uma preferência da anáfora zero pelos jovens. Em oposição aos resultados apresentados, a dissertação de Averbug (2000 *apud* Paredes Silva; Pinheiro, 2020) analisou este fenômeno em redações de acadêmicos, os quais utilizaram em maior frequência o clítico acusativo.

Diante disso, Paredes Silva e Pinheiro (2020) mencionam a possibilidade de divergências entre os resultados estarem relacionados aos próprios gêneros, já que o sujeito pronominal, na esfera digital, teve maior semelhança com o que se verificou na escrita convencional, enquanto o comportamento do objeto de terceira pessoa, na mesma esfera, se aproximou do que nos revela a língua falada. Assim, os autores concluem:

Esses resultados ilustram o caráter híbrido da *Web* e ao mesmo tempo ajudam a comprovar que as diferenças observadas nos gêneros digitais não se limitam aos problemas de ortografia e de pontuação como já se supôs. Há assim notável necessidade e amplo espaço para novas pesquisas (Paredes Silva; Pinheiro, 2020, p. 221).

Os pesquisadores procuram enfatizar a necessidade de se realizar mais pesquisas sobre o uso dos pronomes nos gêneros digitais, reforçando que a escolha do gênero pode implicar nos resultados, haja vista o hibridismo desses espaços. Figura-se, portanto, como uma motivação para o desenvolvimento dessa obra, posto que a correlação entre ambos está centrada, sobretudo, nos aparatos teórico-metodológicos, o que nos leva à necessidade de tecer considerações acerca das teorias nas quais nos baseamos.

2.

## A Sociolinguística Variacionista

Em conformidade com o que ficou explícito no capítulo anterior, a Linguística é concebida como um campo científico múltiplo e complexo. Por conseguinte – assim como em outras ciências –, encontramos, nesta área, vastas possibilidades de compreender a língua, as quais podem se contrapor, mas também podem se conectar. Nesta última, está inserido o caso da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano, cuja relação suscita no Sociofuncionalismo, a abordagem que norteia essa obra.

À Sociolinguística é atribuída a investigação empírica da língua e de suas transformações a partir de aspectos sociais. São de seu interesse as formas produzidas em todas as situações reais de linguagem, uma vez que, embora, em sua gênese, esta área tenha se debruçado somente em pesquisas sobre a fala, estudos atuais nos mostram que seus fundamentos teórico-metodológicos também configuram um campo fértil para a investigação da variabilidade na língua escrita. É este, portanto, o caminho que seguimos.

Em termos de origem, sua emergência se deu pela necessidade de rompimento com os estudos estruturalistas e gerativistas, os quais, em contrapartida, preocupam-se com o estudo da estrutura formal de uma língua em sua homogeneidade.

No entanto, paradoxalmente, a Sociolinguística herdou dois princípios estruturalistas que foram substanciais para sua formação: o relativismo cultural, oriundo da antropologia cultural, preconiza que nenhuma variedade ou língua que esteja em uso, em uma comunidade de fala, seja julgada inferior, independentemente do nível de tecnologia ocidental que tal comunidade alcançou, e a heterogeneidade linguística inerente e ordenada, a qual indica que toda língua se caracteriza, justamente, por sua variação sistêmica (Bortoni-Ricardo, 2014).

Bortoni-Ricardo (2014) revela ainda a razão pela qual o último princípio mencionado foi inspirado pela Linguística Estrutural. Nesse ínterim, desenvolvia-se uma outra corrente linguística, a Dialetoлогия, que se opunha à Linguística Estrutural, tanto pela metodologia, no que tange à precisão analítica desses, quanto pelos resultados, no tocante aos dados utilizados, por aquela refletir a heterogeneidade regional. Assim, a Sociolinguística Variacionista insere-se neste confronto por buscar associar a heterogeneidade presente na pesquisa dialetológica à organização e às simetrias estruturais da pesquisa linguística hegemônica.

Conforme Cezario e Votre (2020), o termo “Sociolinguística” surgiu já na década de 1950, mas, como evidencia Calvet (2002), foi apenas em 1964 que ocorreu a primeira grande conferência com esta temática. Organizado por William Bright, em Los Angeles, o evento recebeu pesquisadores como John Gumperz, Dell Hymes e William Labov. Este último, por seu turno, se tornou o principal expoente da Sociolinguística Variacionista, o qual rejeitou, por algum tempo, o referido termo por considerá-lo redundante, uma vez, que ao reconhecer a

relação entre língua e sociedade, o pesquisador defende que compete à Linguística, em sua totalidade, a inclusão do caráter social em seu objeto de estudo (Labov, 2008).

Dessa maneira, sob a ótica laboviana, a língua é concebida como um sistema heterogêneo e mutável que, por conseguinte, tem sua estrutura fundamentada por regras, variáveis e invariáveis, ao contrário do que foi estabelecido no *Curso de Linguística Geral*, de Saussure (2012), que, por sua vez, rejeita a fala por julgar sua variabilidade como um acontecimento caótico.

Diante disso, como apregoa Mollica (2019), a Sociolinguística Variacionista (também chamada Quantitativa ou Laboviana), inserida neste campo fronteiro entre o linguístico e o social, possui como objeto de estudo a variação linguística, entendida como um princípio geral e universal, o qual pode, sob o olhar científico, ser descrito e analisado. Mollica (2019, p. 11) acrescenta que:

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático [...]

Em vista do que a autora nos apresenta, é inegável que variação e mudança são as palavras-chave da pesquisa sociolinguística, as quais devem nortear os objetivos do pesquisador, indicando os caminhos a serem seguidos. Porém, há, ainda, dois termos intrinsecamente necessários para que possamos compreender a variação linguística e o próprio fazer sociolinguístico: variante e variável. O que eles significam, afinal?

Sabemos que, para existir variação, necessariamente, existem duas ou mais formas linguísticas intercambiáveis, as chamadas variantes, que constituem uma regra variável, a qual, como lembra Mollica (2019), recebe o nome de variável dependente. Isto é, a variável dependente engloba o universo de possibilidades que um fenômeno linguístico possui para se realizar.

Entretanto, além dessa variável, há as variáveis independentes, que servem para explicar o porquê uma variante é mais utilizada que a outra. Inserido neste contexto, Alves (2011, p. 57) pontua que “[...] o sistema linguístico é visto, em linhas gerais, como constituído de um conjunto de escolhas, de opções que o falante faz apoiado em motivações diversas, linguísticas, discursivas, sociais [...]”. Assim, são essas motivações atuantes nas escolhas do falante que se constituem como as variáveis independentes e é dentro dessa última categoria citada, a social, que o próprio Alves (2011) inclui o *sexo*, a *idade*, o *grau de escolarização*, o *contexto estilístico* ou *situacional*, a *profissão* e a *classe social*.

Devemos evidenciar, contudo, que não é apenas de variabilidade que as línguas vivem. Há, em termos linguísticos, a regra invariável, também chamada de “regra categórica”, que pressupõe a impossibilidade de alternância entre formas de um mesmo fenômeno linguístico, por exemplo, a regra que estabelece que o artigo deve ser usado no início do sintagma nominal, antes do nome, ocupando a posição de determinante.

Com efeito, por termos duas formas de realização do fenômeno aqui investigado, sem interferir na sua compreensão, devemos classificá-lo como “variável”, cujas motivações para sua realização poderão ser encontradas nas variáveis independentes que analisaremos mais adiante.

Aqui, além dos aspectos linguísticos *ambiguidade*, *ênfase*, *tipo sintático da oração* e *conexão discursiva*, nos restringimos aos fatores extralinguísticos *sexo/gênero* e *faixa etária*. Mas, semelhante a Alves (2011), que lida indiretamente com o contexto situacional – ao considerar as diferenças entre os tipos de discurso –, também julgamos que o contemplamos, uma vez que entendemos a influência do gênero textual-discursivo para a realização da variável em tela e utilizamos isso para a construção da nossa hipótese primária, mesmo que, em nossa análise, não tenhamos reservado um grupo de fatores específico para os gêneros textuais-discursivos.

Todavia, é imperativo destacar que não devemos nos preocupar somente com *quais* fatores iremos analisar, mas em *como* faremos isso. Nas palavras de Labov (2008, p. 93), “a análise adequada da variável linguística é o passo mais importante da investigação sociolinguística [...]”. Nesse contexto, para que possamos chegar aos supracitados fatores e compreender a organização da língua, a partir da sua interpretação qualitativa de dados quantitativos, é inquestionável a necessidade de seguir direcionamentos seguros e confiáveis, em termos científicos.

É, dessarte, a própria sociolinguística quem nos oferece as orientações metodológicas de que precisamos. Nesse caminho, Labov (2008) estabelece cinco axiomas metodológicos: a alternância de estilo, a atenção, o vernáculo, a formalidade e os bons dados.

A alternância de estilo pressupõe que nenhum falante possui um estilo único. Ou seja, a forma que os falantes falam varia em consonância com o contexto em que estão inseridos. Em seguida, Labov (2008) apresenta a atenção, relacionada ao axioma anterior, que se refere ao quanto preocupada com sua fala uma pessoa está, ou seja, diz respeito ao automonitoramento do falante a partir do contexto social. O terceiro axioma é o vernáculo, que é o estilo no qual o falante dispõe de menor atenção ao monitoramento da fala e, por este motivo, é o vernáculo que nos concede os dados mais sistemáticos para uma análise sociolinguística. O quarto axioma, o da formalidade, presume que, em momentos minimamente formais, como em uma

entrevista, mesmo que aparentemente distraído, o sujeito confere um certo grau de formalidade a sua fala. O último axioma, referente aos bons dados, diz-nos que, independentemente de quaisquer métodos para compor um *corpus* de fala, uma entrevista individual é a única maneira de obter bons dados de língua falada (Labov, 2008).

Ao observarmos os dois últimos axiomas propostos por Labov (2008), deparamo-nos com o que ele denomina “paradoxo do observador”: embora o objetivo da Sociolinguística Variacionista seja investigar a fala das pessoas quando não estão sendo observadas sistematicamente, o único meio de coletar esses dados é através da observação sistemática. Pensando nisso, o sociolinguista sugere alguns procedimentos que podem desviar a atenção do falante, a fim de alcançarmos o vernáculo, como a realização de perguntas que os envolvam em emoções profundas relacionadas as suas experiências de vida.

Todavia, julgamos que pode haver uma minimização desse paradoxo, já que os dados coletados fazem parte de uma linguagem mais espontânea presente na rede social Twitter, cujo propósito central dos sujeitos foi o compartilhamento de informações ou a interação instantânea. Além disso, acreditamos que, apesar de os textos estarem disponíveis a milhares de pessoas, a monitoração dada à escrita foi reduzida, tendo em vista que seus autores não sabiam que sua linguagem seria sistematicamente observada, em um momento posterior.

Um dos estudos que permitiu a Labov (2008) perceber tais axiomas consistiu na análise da variável alteração da altura dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts. Para a investigação desse fenômeno, o pesquisador utilizou uma amostra composta por gravações de entrevistas com 69 participantes, os quais foram estratificados de acordo com a área em que viviam, suas ocupações e até seus grupos étnicos.

Dessa maneira, ao preocupar-se não somente com os condicionantes internos, mas também com os condicionantes externos ao sistema da língua, Labov (2008, p. 21) descreveu, minuciosamente, as características socioeconômicas e geográficas da ilha escolhida – a qual é dividida em duas partes: ilha baixa e ilha alta – posto que “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. Logo, os aspectos sociais que refletem nos usos linguísticos não se resumem a fatos históricos que já transformaram a língua ou a questões sociais da contemporaneidade que influenciarão a língua futuramente: é o momento presente que intervém fortemente no atual falar de uma comunidade.

A partir disso, Labov (2008) correlacionou a centralização dos ditongos investigados à identidade dos sujeitos e percebeu que as atitudes frente à ilha influenciavam a realização da centralização: aqueles que demonstravam maior resistência aos veranistas marcavam o

traço de centralização como uma forma de manter sua identidade. Além disso, os mais jovens também favoreciam a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ por admirarem os seus ancestrais, tal qual os da ilha alta que eram considerados mais independentes e buscavam firmar uma oposição ainda maior em relação aos veranistas.

Ao concluir que o significado da centralização corresponde a uma atitude positiva dos vineyardenses perante a ilha, Labov (2008) nos mostrou a efetiva importância das motivações sociais para a escolha dos falantes dentro de uma variável linguística.

Em outra pesquisa, Labov (2008) se propôs a estudar a presença ou ausência do [r] pós-vocálico, realizado em palavras como *car*, *four* e *fourth*, e sua estratificação social em três lojas de departamento em Nova York. As lojas selecionadas para sua pesquisa foram a *Saks Fifth Avenue*, *Macy's* e a *S. Klein*. Tais escolhas não foram aleatórias: as lojas receberam classificações de *status* superior, médio e inferior, respectivamente, em uma escala de valor e prestígio na moda, além de cada uma possuir uma organização diferente, seja no que diz respeito à estrutura dos ambientes, seja no que se refere às funções exercidas pelos funcionários.

O principal questionamento de Labov (2008) foi de que se, nas lojas, os clientes seriam estratificados socialmente, os funcionários poderiam seguir essa segmentação também, já que o pesquisador preconiza que, entre sujeitos empregados, a estreita relação entre a sua ocupação e seu comportamento linguístico supera a influência de qualquer outra característica social. A resposta alcançada confirmou a sua hipótese: os usos do (r-1) totalizaram um número mais expressivo em *Saks*, com 62%, seguidos daqueles da *Macy's*, com o total de 51%, e os da *Klein*, com apenas 21% do (r-1), o que reflete, sobretudo, a influência da estratificação social e da questão do estilo na escolha dos usos linguísticos (Labov, 2008).

Embora, como observamos, uma considerável parcela das pesquisas feitas por Labov seja dedicada a variáveis fonológicas, em um artigo publicado, inicialmente, em 1977, o *Constraints on the agentless passive*, Weiner e Labov (1983) preocupam-se com a possibilidade de permutação entre construções ativas e passivas do falar inglês sem que haja perda de significado e defendem que todos os níveis da língua são passíveis de variação.

Lavandera (1978), contudo, opõe-se aos pesquisadores por admitir apenas estudos de variação em nível fonológico, uma vez que os fonemas são as menores unidades distintivas da língua desprovidas de significado, ao contrário de elementos morfológicos e sintáticos, que possuem significado.

Para Lavandera (1978), formas sintáticas que são consideradas variantes se diferenciam no que diz respeito ao significado referencial. Isso, de acordo com a pesquisadora, distancia-se da concepção de Labov sobre variação, o qual a enxerga como modos diferentes de dizer

“a mesma coisa”, isto é, há formas linguísticas distintas com o mesmo significado. Sob o ponto de vista de Lavandera (1978), mesmo que determinados usos tivessem significados semelhantes, haveria algumas diferenças tênues nos aspectos semânticos e estilísticos, logo, não seriam equivalentes, o que os impossibilitaria de compor uma variável. Para a resolução do problema, a autora recomenda a substituição da noção de significado referencial como significação equivalente para todas as formas variantes por uma condição de “comparabilidade funcional”, cuja abrangência, como o nome diz, pressupõe o cotejo entre as funções de tais usos.

Outra questão que desperta a desaprovação de Lavandera (1978) reside na pouca influência que a estratificação, uma das propriedades apontadas por Labov (2008) para a existência de uma variável linguística, exerce sobre os usos investigados por Weiner e Labov (1983). Segundo a pesquisadora, se o fenômeno não é estratificado socialmente, este não se encaixa no quadro de variáveis sociolinguísticas.

Em reação à Lavandera (1978), Labov (1978) justifica que, ao declarar tais usos se referindo ao mesmo estado de coisas, está afirmando que eles possuem o mesmo valor de verdade, restringindo, desse modo, a igualdade de significado a esse sentido.

Assim, Labov (1978) admite que não há sinônimos absolutos, mas que exigências estilísticas impõem a escolha entre uma palavra e outra na fala e na escrita e que, por este motivo, muitas palavras são utilizadas como variantes estilísticas mesmo que possam, em outras circunstâncias, distinguir estados de coisas específicos. Portanto, não vê empecilho para lhes conferir o mesmo significado representacional.

Labov (1978) reconhece que, para a análise de variáveis sintáticas, é necessário realizar uma série de etapas preliminares, a fim de excluir os contextos em que as formas não se referem a mesma coisa, ou seja, devemos isolar o contexto que nos é pertinente, descartando aqueles nos quais a variação é neutralizada ou em que temos um caso de regra categórica.

Labov (1978) supõe que a segunda insatisfação pontuada por Lavandera (1978) parte de um momento anterior no qual se buscava encontrar tão somente os aspectos sociais que motivavam as escolhas linguísticas e destaca que os estudos de variáveis linguísticas não são restritos aos fatores externos à língua: os fatores internos têm igual importância para as pesquisas sociolinguísticas. É nesta perspectiva laboviana que se insere nossa discussão.

São, exatamente, esses fatores internos e externos à língua que participam também dos seus processos de mudança, como apontam Weinreich, Labov e Herzog (2006), os quais, juntos, devolveram postulados em defesa de uma teoria para a mudança linguística, publicados em *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Os autores percebem,

desse modo, que nem toda variabilidade e heterogeneidade provocam mudança, mas que toda mudança exige variabilidade e heterogeneidade linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Consoante o exposto, é mister discorrer a respeito dos cinco problemas sobre o assunto mencionados por Weinreich, Labov e Herzog (2006) que devem ser respondidos pelos sociolinguistas, os quais são: o problema dos fatores condicionantes, o da transição, o problema do encaixamento, o da avaliação e o da implementação.

O problema dos fatores condicionantes nos revela que uma teoria de mudança linguística objetiva estabelecer um conjunto de possíveis mudanças e condições para o desenvolvimento dessas mudanças. O problema de transição diz respeito aos estágios enfrentados por uma variante, a partir da estratificação em faixas etárias, para se instalar efetivamente em uma comunidade de fala. O problema do encaixamento, por seu turno, busca responder como a mudança se encaixa na estrutura social e na estrutura linguística da comunidade. O problema da avaliação visa a responder em qual forma os falantes avaliam a mudança linguística e em qual proporção isso implica na evolução em foco, o que, de acordo com os autores, pode estar relacionado ao nível de consciência social do falante. O problema da implementação, por fim, refere-se aos aspectos que favorecem ou restringem o processo de instalação de uma mudança, motivados tanto por questões sociais, quanto pela própria estrutura linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Em suma, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam a mudança como um processo gradual e ordenado, o qual, derivado da variação, é concluído apenas quando seu uso se torna consenso em toda a comunidade de fala. Além disso, como Paiva e Duarte (2006) demonstram, os autores estreitam os laços entre sincronia e diacronia ao utilizarem os dados da variação sincrônica para a compreensão de mudanças finalizadas, evocando o caráter diacrônico da língua, e enfatizam a inter-relação estabelecida entre uma teoria da linguagem e uma teoria da mudança. Dessa maneira, Paiva e Duarte (2006) reforçam a imprescindibilidade de uma teoria da linguagem ou até de uma teoria mais ampla sobre mudança para que possamos estudar um fenômeno dentro da sua variação e mudança linguística.

Ao coadunar com o já descrito, nosso estudo é alicerçado na interface entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico Norte-Americano, os quais, como Paiva e Duarte (2006) também sublinham, estão apoiados na premissa de que a compreensão da língua só ocorre a partir de seus variados contextos de uso. Por esta razão, em seguida, descrevemos quais características são substanciais para o Funcionalismo Linguístico.

**3.**

# Funcionalismo Lingüístico

Assim como já havíamos mencionado, a Linguística tem suas pesquisas firmadas em duas correntes divergentes: a formalista e a funcionalista. Filiamo-nos, pois, a esta segunda, cujo olhar direciona-se, grosso modo, às funções que os usos linguísticos assumem nos processos de interação, ao afastar-se do estudo puramente formal de sentenças isoladas de uma língua idealizada.

Dessa forma, segundo Martelotta e Areas (2003), o Funcionalismo compreende a língua como um instrumento de comunicação, o qual deve ser investigado como uma estrutura não autônoma e maleável que, em seu desenvolvimento, é motivada pelos diversos contextos comunicacionais. Em consonância com esta acepção, Neves (2018) interpreta a funcionalidade da língua a partir da associação entre o sistema linguístico e suas funções, bem como a dinamicidade pelo reconhecimento da força dinâmica que ocasiona o desenvolvimento da linguagem, dentro da instável relação entre estrutura e função.

Furtado da Cunha (2020) acrescenta que, nesta abordagem, há uma preocupação em explicar as regularidades da língua, ao analisar as condições discursivas em que uma dada forma se realiza. Todavia, não se deve conceber o Funcionalismo, cujo surgimento é atribuído à Escola de Praga, como um único modelo teórico, visto que, de acordo com Neves (2018), dentro dele encontramos vários modelos divergentes que se conectam pela manutenção de traços similares.

É por esta razão que, convencionalmente, podemos falar em várias abordagens distintas desenvolvidas em diferentes lugares. Aqui, dispomos do quadro teórico do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana, que também conta com pesquisadores de pensamentos diversos, dentre os quais podemos citar Talmy Givón, Paul Hopper, John Du Bois, Sandra Thompson e um dos pioneiros nesses estudos, Dwight Bolinger.

Conforme aponta Furtado da Cunha (2020), Bolinger não se dedicou ao lançamento de uma gramática funcionalista. O texto inaugural da perspectiva funcionalista norte-americana ficou sob responsabilidade de Gillian Sankoff e Penelope Brown, em 1976, intitulado *The Origins of Syntax in Discourse*, mas o linguista foi reconhecido por impulsionar a teoria ao pesquisar fenômenos específicos, como a análise pragmática da ordenação de palavras em cláusulas, nos quais demonstrava que fenômenos linguísticos estudados por formalistas são influenciados por aspectos pragmáticos.

Cabe-nos destacar que o Funcionalismo Norte-Americano funda seus princípios em busca de fatores externos à língua que justifiquem as escolhas do falante. Isso acorda Martelotta e Areas (2003), que o caracterizam como uma linguística que, baseada no uso, observa a língua sob seu contexto linguístico e suas condições de produção extralinguísticas. Os

pesquisadores ressaltam que as formas linguísticas se constituem como tal apenas em virtude das estratégias estabelecidas para que os falantes organizem as informações utilizadas na interação discursiva. Assim, quando falamos em Funcionalismo, é indiscutível a influência da cognição no comportamento linguístico dos falantes e, portanto, na compreensão do próprio sistema.

É nesta direção que caminha Givón (2001) ao estender o alcance da gramática tanto à semântica proposicional quanto à pragmática. Para Givón (2001), embora esteja localizada na oração, não é em sua informação proposicional que encontramos a função das formas gramaticais, mas no seu contexto discursivo, uma vez que este é acolhido pela gramática da língua juntamente à oração em si. O linguista esclarece, destarte, que essa face da gramática foi ofuscada pelos estruturalistas e reconhece elementos como sujeito, objeto, anáfora e pronomes como algumas das principais formas gramaticais que codificam, sobretudo, as dimensões pragmático-discursivas. Consoante o exposto, Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 29) pontuam:

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso.

O que percebemos é que, no Funcionalismo, entre as dimensões da língua não há fronteiras bem delimitadas que as distanciem. Dito de outro modo, os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática possuem uma relação de interdependência, em uma organização sistemática. Em vista disso, não podemos descrever a sintaxe de uma língua sem considerar as condições discursivas que possibilitam a existência das estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso.

Paredes Silva (1988) explica que o Funcionalismo pode seguir dois caminhos: a análise pode partir da função para alcançar a forma ou partir da forma para chegar à função. Paredes Silva (1988) destaca que o primeiro modelo é seguido por Givón, quando sugere a noção de domínio funcional, isto é, uma reunião de elementos estruturais unificados a partir da sua função, para caracterizar a continuidade de tópico e a mudança de referência. A segunda proposta é seguida por Li e Thompson (1981), ao realizarem suas análises partindo dos elementos estruturais para chegar a sua função no contexto discursivo-pragmático.

A pesquisadora defende, no entanto, que ambas as possibilidades não são excludentes. Paredes Silva (1988) afirma ainda que, para propor uma variável como o tipo sintático da

oração, é necessário proceder da forma para chegar à função, pois se parte de características estruturais das orações para alcançar uma interpretação funcional. Ao contrário, na própria variável proposta por ela, são investigadas as implicações em cada grau da conexão discursiva no uso do sujeito pronominal, no qual temos um caso que parte da função para a forma. A linguista admite, dessa forma, que segue os dois direcionamentos para o desenvolvimento de sua análise, posto que não possui um posicionamento extremado do Funcionalismo.

Em nossa pesquisa, assumimos uma postura semelhante à de Paredes Silva (1988), haja vista as variáveis independentes que investigaremos, as quais também são investigadas no trabalho da pesquisadora. Mas, para chegarmos nas variáveis e realizarmos nossas análises, a teoria funcionalista nos conduz a dois conceitos essenciais: o de iconicidade (Givón, 1991) e o da condição de distintividade (Kiparsky, 1972 *apud* Poplack, 1980).

Segundo o princípio da iconicidade, na concepção de Givón (1991), uma vez que a estrutura linguística implica no desempenho de uma função, a mesma estrutura é responsável por refletir essa função. Sob a ótica funcionalista, a língua é, em certa medida, icônica, por ter sua organização motivada por aspectos externos ao sistema linguístico. Diante disso, percebemos que a forma e a função que conduzem a materialização da língua mantêm constantemente uma relação de interdependência. A iconicidade comporta, assim, três subprincípios descritos por Givón (1991): o subprincípio da quantidade, o da proximidade e o da ordem sequencial.

No subprincípio da quantidade, a existência de informações maiores, imprevisíveis ou de maior relevância, no enunciado, implica uma maior codificação. O subprincípio de proximidade preconiza que elementos mais próximos, em termos de funcionalidade, conceituação ou cognição estarão dispostos, temporal ou espacialmente, em proximidade também, e tais operadores funcionais somente estarão próximos da unidade conceitual para a qual forem mais necessários. O terceiro subprincípio, o da ordem sequencial, indica que, possivelmente, a ordem das orações no discurso é a mesma ordem temporal dos acontecimentos descritos e que há uma tendência para que informações mais relevantes ou menos previsíveis tenham prioridade na ocupação do primeiro lugar na oração (Givón, 1991). Nesta obra, o subprincípio da quantidade nos será, especialmente, caro.

A condição da distintividade discutida por Kiparsky (1972 *apud* Poplack, 1980), por sua vez, pressupõe que há uma preferência pela permanência de informações semanticamente pertinentes na estrutura discursiva. Desse modo, é possível pensar a condição da distintividade como um artifício utilizado para evitar situações ambíguas, como já foi amplamente discutido por Poplack (1980) ao se preocupar com a marcação do plural no espanhol de Porto Rico.

Hochberg (1986) também se dedica à hipótese funcionalista ao associar o uso do sujeito pronominal à ausência da marcação do plural: os pronomes seriam usados no espanhol porto-riquenho em casos em que as formas verbais, não marcadas pelo plural, poderiam causar ambiguidade. Em sentido contrário, quando o falante marca o /s/, há uma queda nos usos dos sujeitos pronominais. Ocorre, pois, a denominada “compensação funcional”, quando o uso linguístico é restrito aos casos em que sua presença apresenta uma função comunicativa.

Nos estudos brasileiros, a condição de distintividade recebe destaque em Paredes Silva (1998), que investiga a funcionalidade na variação do sujeito pronominal de segunda pessoa do singular – “você”, “cê” e zero –, e Massariol e Yacovenco (2020), quando abordam a variação no sujeito de primeira pessoa do singular em cartas capixabas.

Dessa forma, são as hipóteses descritas acima que servirão de firmamento para as variáveis linguísticas que analisaremos, ao caminharmos em direção à interface entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico, chamada de Sociofuncionalismo.

O Sociofuncionalismo, grosso modo, correlaciona os princípios postulados pelo Funcionalismo àqueles encontrados na Sociolinguística Variacionista. Dessa maneira, ao explorar as situações reais da língua, há uma procura pela “motivação para o uso de uma forma em detrimento de outra, levando em consideração fatores sociais, cognitivos, comunicativos, entre outros, que podem influenciar na forma de se codificar a informação” (Cezario; Marques; Abraçado, 2016, p. 45). A partir dessa concepção, é indiscutível que, nesta abordagem, a variação inerente à língua é justificada por fatores externos ao sistema linguístico, os quais podem ser investigados sob o olhar quantitativo da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1990, 1994, 2001, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Tavares (2003) concebe o Sociofuncionalismo como uma espécie de “casamento”, no qual não há só confluências entre ambas as teorias, como também divergências, cujos nós são desatados em uma conversa. Ademais, a pesquisadora defende a existência de mais de um Sociofuncionalismo:

Trata-se de bate-papos que estão em progresso, isto é, o estágio em que se encontra(m) atualmente o(s) casamento(s) sociofuncionalista(s) não é o de teoria(s) ou linha(s) de pesquisa já construída(s), fechada(s), com preceitos teórico-metodológicos totalmente definidos, mas sim o do próprio processo de constituição (Tavares, 2003, p. 126).

Diante do exposto, é evidente que não há uma única fórmula para a construção desse “casamento”: seu desenvolvimento depende de uma série de fatores, como os pesquisadores envolvidos e seus próprios propósitos. O bate-papo entre as teorias será um fator decisivo para

o desenvolvimento da pesquisa, porém cada estudo irá requerer uma conversa diferente. Em cada situação, são realizadas escolhas específicas acerca da adoção (ou não) de princípios. Não devemos, porém, nos surpreender com o que nos revela Tavares (2003), visto que, até mesmo o Funcionalismo Linguístico compreende um leque de possibilidades de interpretação da língua, que, como discutimos anteriormente, estão distribuídas por vários lugares.

Cezario, Marques e Abraçado (2016) atribuem ao Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEUL/UFRJ), a difusão do Sociofuncionalismo no Brasil, na década de 1980. Uma de suas pesquisadoras, Paredes Silva, já mencionada como uma das principais influências para o empreendimento dessa obra, estudou em alguns trabalhos o sujeito pronominal sob esta ótica. É ainda em pesquisas de Paredes Silva (1988, 2007, 2012) que encontramos uma preocupação especial com os gêneros nos quais a língua se materializa.

Em consonância com essa postura, Biazolli e Berlinck (2021) entendem a variabilidade e mutabilidade linguística como um processo conduzido por interações concretas da língua, o que revela a relação na qual gêneros e processos linguísticos afetam-se, moldam-se e determinam-se, mutuamente. É sob este prisma que entendemos a necessidade de buscar estudos sobre a análise de gêneros para o desenvolvimento da pesquisa em tela.

**4.**

# **Análise de gêneros**

É consenso entre a comunidade científica que as primeiras discussões sobre os gêneros surgiram com Platão e Aristóteles, cuja preocupação direcionava-se apenas àqueles de natureza literária. Hoje, porém, os analistas de gêneros os identificam por toda parte e o seu interesse pelo assunto decorre também de diversos campos, desde os estudos focados no ensino de língua aos em que se buscam a descrição e a investigação de fenômenos linguísticos.

Rojo (2005) explica que, em 1995, houve um aumento de pesquisadores brasileiros que lançavam seus olhares ao objeto em discussão e, ao apresentar uma visão bipartida, a autora insere tais pesquisas em duas teorias distintas: a teoria dos gêneros discursivos e a teoria dos gêneros textuais.

De acordo com Rojo (2005), a teoria dos gêneros discursivos concentra sua atenção nas condições de produção e nas particularidades socio-históricas dos enunciados, enquanto a teoria dos gêneros textuais, ao seguir procedimentos diferentes, procura descrever a materialidade textual, ou seja, visa a explicação dos gêneros a partir de seus aspectos estruturais. A Marcuschi (2008) pouco importa a nomenclatura, se gênero textual ou gênero discursivo, ambas as expressões podem ser utilizadas para se referir ao mesmo objeto, exceto em casos em que se busca, explicitamente, identificar um fenômeno específico.

No estudo empreendido, entendemos que cada uma das teorias apresenta suas particularidades, mas não enxergamos isso como um motivo para priorizar uma em detrimento da outra. Neste caminho, ao adotar o termo “gêneros textuais-discursivos”, Biazolli e Berlinck (2021, p. 7) afirmam que:

[...] ratificando a ideia já amplamente difundida (e, hoje, considerada mais apropriada) de que essa perspectiva bipartida pode dificultar uma visão holística dos fatos da língua, adotamos uma visão mais integrativa, por meio de uma proposta que contemple os gêneros como práticas sociais e textual-discursivas, avaliando-os a partir de propósitos comunicativos, estrutura organizacional e estilo, e a partir dos valores e significados ideológicos subjacentes ao texto.

As autoras discordam da abordagem que firma uma oposição entre gêneros discursivos e gêneros textuais, tendo em vista que isso pode limitar o tratamento dado à língua. Dessa forma, Biazolli e Berlinck (2021) defendem uma perspectiva mais abrangente, na qual os aspectos sociodiscursivos, ideológicos, organizacionais e formais são considerados, concomitantemente, em sua totalidade. Ao concordarmos com essa complementaridade, também utilizamos aqui o termo gêneros textuais-discursivos, visto que nossa pesquisa implica um olhar direcionado aos propósitos discursivos, em consonância com Bakhtin (2016), mas também exige uma preocupação com as configurações estruturais do gênero em questão, o qual se enquadra nos gêneros emergentes propostos por Marcuschi (2002, 2008, 2010).

Dessa forma, Bakhtin (2016, p. 12, grifo do autor), ao compreender que a língua está presente em todos os campos da atividade humana e que se realiza por meio de enunciados, sejam eles orais ou escritos, apregoa que “[...] evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados [...]”. Assim, os gêneros são concebidos como esses tipos de enunciados que possuem uma relativa estabilidade. Já o enunciado, por sua vez, é definido pelo autor como a unidade da comunicação discursiva. Dessa maneira, a existência do discurso implica sua materialização em forma de enunciados concretos elaborados pelo sujeito do discurso (Bakhtin, 2016).

No entanto, defrontamo-nos com uma aparente contradição: do mesmo modo que os gêneros apresentam estabilidade, apresentam flexibilidade. Faraco (2009) esclarece que essa relatividade, em seu caráter estável, revela a historicidade inerente ao gênero e suas características e fronteiras imprecisas. Nesse sentido, apesar de os gêneros permanecerem na língua, sua configuração não é estanque, mas flexível, por seu poder de transformação constante, em decorrência das mudanças ocorridas na sociedade e, conseqüentemente, na própria linguagem e nos seus meios de efetivação.

Em sua constituição, os gêneros contam, de acordo com Bakhtin (2016), com três elementos substanciais: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, os quais estão interligados no conjunto do enunciado e são determinados pela especificidade de cada campo da comunicação. É aqui que reside sua estabilidade.

O estilo é que molda as escolhas discursivas do falante e é definido a partir de determinadas condições, como os atores enunciativos e o contexto situacional de fala, as quais estão profundamente relacionadas com a seleção entre as formas alternantes da língua. O estilo, para Bakhtin (2016), vai desde as individualidades do autor às especificidades dos próprios gêneros, que refletem condições específicas de cada campo da atividade humana. A construção composicional consiste na sua estrutura formal e o conteúdo temático diz respeito à relação valorativa que o autor do enunciado possui com o assunto, conforme enfatizam Azevedo, Pereira e Guerra (2020).

Ademais, Bakhtin (2016, p. 20) enfatiza:

[...] os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

As palavras de Bakhtin reforçam a importância do estilo para as escolhas linguísticas do falante e nos mostram, mais uma vez, o porquê de se estudar a variabilidade de um fenômeno linguístico relacionado ao gênero em que se realiza. Entendemos que os gêneros, sob a ótica bakhtiniana, surgem em uma organização sistemática e servem a propósitos comunicacionais específicos, além de serem caracterizados ideológica e socio-historicamente. As diferentes épocas implicam necessidades comunicativas diferentes e, desse modo, exigem gêneros diferentes. A sociedade atual, a título de exemplificação, vive na era dinâmica da *web*, a qual traz uma rápida propagação de novos gêneros digitais, que permitem uma maior velocidade no processo comunicativo.

Os gêneros, para Bakhtin (2016), podem ainda ser classificados em primários ou secundários. Os primários correspondem aos gêneros definidos como simples, pois estão presentes na comunicação discursiva imediata e são predominantes na linguagem oral. Os secundários são mais complexos, dadas as condições em que se instauram – como textos ficcionais, sociopolíticos ou científicos –, e estão presentes, em sua maior parte, na linguagem escrita (Bakhtin, 2016). Mas, como destacado, não são todos os gêneros escritos que são secundários: o gênero *tweet* que aqui investigamos, por exemplo, faz parte de uma comunicação mais espontânea e imediata, o que nos leva a entendê-lo em sua natureza primária.

Com postura, de certo modo, semelhante à bakhtiniana, Marcuschi (2002, p. 19) define gêneros textuais como:

[...] entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais [...]

Os gêneros, nesta perspectiva, configuram atividades da esfera social, as quais se desenvolvem devido às demandas da sociedade e, por isso, devem ser entendidos como produtos sociocomunicativos. Além disso, os gêneros não podem ser encaixados em formas fixas, haja vista seu caráter mutável e dinâmico. Por isso, Marcuschi (2002) acrescenta que um gênero pode não contar com uma propriedade específica e, ainda assim, não perder sua categorização. Não há uma receita para a criação de gêneros: são o seu objetivo comunicativo e suas características sociofuncionais que podem dizer se um gênero se constitui como tal.

Mas, como revela Marcuschi (2002, 2008), a forma não é completamente excluída da sua definição, pois até o suporte em que o texto se realiza pode contribuir para a determinação de

um gênero. Admitimos, ainda, que a forma também é influente por se deter nas limitações que um gênero pode ter, como em seus níveis de extensão.

Cabe-nos evidenciar que entre Marcuschi e Bakhtin não existem apenas convergências. Suas divergências se tornam visíveis quando Marcuschi (2002) se preocupa em distinguir texto e discurso. Texto é aqui concebido como uma atividade de caráter concreto, cuja materialização se dá em forma de gênero textual. Já o discurso, ao contrário, é produto de um texto que se faz presente em uma instância discursiva (Marcuschi, 2002). Evidentemente, são essas diferenciações que são estabelecidas entre os dois e que os fazem desenvolver teorias complementares, uma vez que enquanto um focaliza o palpável, o outro destaca os efeitos de sentido que o discurso produz, bem como suas implicações sociocomunicativas.

Os gêneros textuais podem ainda ser facilmente confundidos com os tipos textuais. É por esta razão que Marcuschi (2002) firma as diferenças entre os termos ao afirmar que os tipos textuais consistem em formações teóricas determinadas a partir de propriedades de natureza linguística, como aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos. Os gêneros, de maneira oposta, correspondem à língua em sua materialidade, são formas empíricas, as quais são utilizadas em momentos reais de comunicação. Isto é, os gêneros estão para a concretude da função, enquanto os tipos estão para o nível classificatório da forma. Ademais, de acordo com o autor, os tipos compreendem definições delimitadas, os mais comuns são os citados por Marcuschi (2002) – narração, argumentação, injunção, descrição e exposição. Já os gêneros abrigam uma quantidade difícil de ser contabilizada e que, a cada dia, se expande.

É válido mencionar que os tipos textuais também podem ser abordados em pesquisas científicas quando se fala em fenômenos variáveis (Lima, 2014; Martins; Paredes Silva, 2008; Paredes Silva, 2007, 2010). Não é de nosso interesse, no entanto, nos debruçarmos sobre o papel dos tipos textuais na escolha entre variantes. Sua menção aqui teve apenas finalidade distintiva. Limitamo-nos, pois, aos gêneros textuais-discursivos, tendo em vista os objetivos que nos propomos a atingir.

Em outro texto, Marcuschi (2011) ao retomar os gêneros, os coloca como arranjos de interação e produtores de sentidos. Com isso, eles não são meras produções textuais ou determinados por fatores externos à língua. Há aqui um elo entre o social e o linguístico, tal qual o estudo da linguagem, a qual, como lembra Marcuschi (2011), varia e muda constantemente, assim como os gêneros que são passíveis de adaptação, renovação e multiplicação.

De fato, frequentemente, podem surgir novos gêneros, inspirados ou não nos gêneros já existentes e esses consagrados também são passíveis de transformações, desde os falados aos escritos, podendo mudar até de suporte. Os suportes são conceituados por Marcuschi

(2008, p. 174) como “[...] um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto [...]”. É o suporte quem compreende o gênero, ou seja, é por ele que o gênero circula socialmente.

A título de ilustração, pensemos no gênero notícia: é possível o encontrarmos em jornais impressos e em revistas, além de atualmente estar disponível em *websites*. Estes espaços são os suportes que variam e podem influenciar no próprio gênero. Por outro lado, devemos deixar claro que, em determinadas circunstâncias, um enunciado ao mudar de suporte também pode ter seu gênero alterado, como quando um diálogo se realiza face a face e o identificamos como o gênero conversação, mas quando estabelecemos essa interação em uma plataforma virtual, o gênero passa a ser o *chat*.

Assim, como percebemos, o suporte também tem relação com a modalidade da língua que, por sua vez, pode interferir na variação linguística, uma vez que a fala e a escrita apresentam suas peculiaridades. Entretanto, buscamos, no dizer de Marcuschi (2008, p. 64-65), “[...] trabalhar as relações entre oralidade e escrita como duas modalidades enunciativas complementares dentro de um contínuo de variação”. Não obstante ambas as modalidades sejam diferentes e a escrita não represente uma transposição da fala, elas não devem ser vistas como categorias estanques, mas em um contínuo da língua, como Marcuschi e Dionísio (2007) sugerem.

Contemporaneamente, as nuances entre oralidade e escrita tornam-se ainda mais sutis, haja vista os novos gêneros resultantes da comunicação desenvolvida no *ciberespaço*, conforme sublinha Marcuschi (2002). Dando continuidade à temática, na seção posterior, inclinaremos nossa atenção aos gêneros textuais emergentes.

## 4.1 Gêneros textuais emergentes

Diante do que vimos, não é novidade que as transformações sociais refletem diretamente nas práticas de comunicação. Com a popularização da *web*, não foi diferente: paulatinamente, fomos imersos na esfera digital e, hoje, precisamos de suas funcionalidades constantemente, seja para interagirmos com um amigo, seja para realizarmos conferências profissionais ou até mesmo para termos acesso a notícias nacionais e internacionais. Todas essas atividades dependem, essencialmente, de gêneros textuais-discursivos para se concretizarem, os quais, veiculados em âmbito digital, são nomeados, por Marcuschi (2010), de gêneros textuais emergentes.

Marcuschi (2010) ressalta que a preocupação com esses gêneros se torna ainda mais necessária, tendo em vista sua rápida disseminação, suas características particulares, no que tange a sua forma e a sua função, e a possibilidade de repensar concepções já fixadas, como

a própria relação entre fala e escrita. Os gêneros digitais surgem em meio à cultura movida por uma necessidade ainda maior de velocidade e dinamicidade. A realidade dos sujeitos exige cada vez mais urgência na resolução das atividades nas quais se envolvem, o que é possível com o acesso a esses ambientes virtuais que permitem extrema versatilidade, como reitera Marcuschi (2010).

Isso é possível graças a todos os elementos que integram a Comunicação Mediada por Computador (doravante CMC), a qual, conforme Marcuschi (2010), acolhe todas as formas de comunicação e os gêneros que se desenvolvem na esfera digital. Todavia, Marcuschi (2010) entende que esses gêneros não são completamente novos, uma vez que podem emergir da influência de gêneros existentes na comunicação prototípica, como é o caso do bate-papo *on-line* em comparação à conversação, citados pelo autor. Dessa maneira, a partir de uma reorganização, um outro gênero é gerado. Aqui, percebemos uma harmonização com Bakhtin (2016), que assegura a possibilidade de “transmutação de gêneros”. Em sua concepção, os gêneros secundários podem incorporar e reelaborar gêneros primários, como nos casos citados pelo autor, em que encontramos réplicas de diálogo ou cartas em um romance.

Um outro aspecto particular aos gêneros digitais, segundo Marcuschi (2010), é o rompimento com a ideia de que a escrita é uma modalidade estritamente assíncrona. Justamente pela velocidade da CMC, os textos podem ser produzidos e rapidamente recebidos pelos interlocutores, o que revela a sincronicidade de gêneros como o bate-papo, mencionado pelo linguista. Reconhecemos, contudo, que a sincronicidade concedida aos gêneros digitais não é absoluta, visto que essas mensagens também podem ser respondidas em um momento posterior. Assim, a sua dinamicidade também reside na possibilidade de se efetivar uma comunicação síncrona ou assíncrona.

No entanto, Marcuschi (2010) ainda considerava inviável a interação pela oralidade na CMC, ao afirmar que essas tecnologias dependem totalmente da modalidade escrita. Atualmente, sabemos que já é possível traçar uma interação a partir de mecanismos de áudio, como a gravação por voz, encontrada em *chats*, veiculados em plataformas como o WhatsApp e o Facebook Messenger, ou nos próprios perfis do Twitter, embora a escrita ainda seja predominante no *ciberespaço*.

Sendo assim, não à toa, o próprio Marcuschi (2010) já previa que dentro da CMC há elementos com fins sociais, culturais e comunicativos que não são permitidos em uma interação face a face, já que os gêneros, de maneira geral, são considerados produtos das relações complexas entre um meio, um uso e a linguagem adotada. Desse modo, são os enunciados escritos associados a imagens, vídeos, *GIFs*, *emojis*, *links*, sons, dentre outras formas, que alcançam o que Marcuschi (2010) chama de integração de recursos semiológicos dentro dos

textos, os quais, por esse motivo, são chamados de multimodais (Rojo; Barbosa, 2015). Tal funcionalidade, além de facilitar e agilizar o processo de recebimento/interpretação de uma mensagem, possibilita ao texto um certo grau de informalidade e menor monitoração, como menciona Marcuschi (2008, 2010).

Na maioria dos casos, os enunciados que compõem os gêneros digitais podem ser chamados de hipertextos, os quais são conceituados como “[...] uma forma híbrida, dinâmica e flexível que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (Xavier, 2010, p. 208). Sob este viés, o hipertexto nos leva a uma forma peculiar de leitura, ao colocar o sujeito leitor frente a informações diversas, que os levam a diferentes produções de sentido.

Marcuschi (2001, p. 107) também se põe na discussão do hipertexto e aponta que “a ‘leitura’ do hipertexto é caracterizada como uma viagem por trilhas. Ligam-se nós para formarem-se redes [...]”. A sua leitura é não linear, funciona de modo diferente daquela prototípica, na qual nos deparamos com seu início, seguido do meio, até chegar ao fim. Evidentemente, o hipertexto pressupõe deslinearização, ou seja, não há um foco específico na leitura, como Xavier (2010) lembra, ao acentuar que essa característica não diz respeito a uma desorganização textual.

Os hipertextos, dessa forma, englobam elementos que podem nos levar a caminhos variados, os *hiperlinks*, que, conforme Xavier (2010), servem para uma possível checagem de informações. Porém, o autor entende também que essa liberdade não é completa, porque não é o leitor quem escolhe quais *links* estarão disponíveis para leitura, mas o produtor que decide disponibilizá-los ou não. De qualquer modo, o autor reconhece a emancipação do sujeito no ato de leitura do hipertexto, uma vez que é ele quem decide a que informação quer ter acesso, inicialmente.

Dito isto, os gêneros emergentes são, de fato, ricos construtores de sentidos e produtos facilitadores que atendem, cada vez mais, às demandas dos sujeitos. Além disso, embora reconheçamos as peculiaridades dos seus enunciados, concordamos com Marcuschi (2002) ao entendermos que, em alguns casos, a depender do propósito comunicativo, a relação do contínuo entre fala e escrita pode estreitar-se ainda mais. A título de exemplificação, pensemos no gênero *chat*, o qual é popularmente conhecido pela modalidade escrita, mas, por sua finalidade ter proximidade com a conversação, como já mencionamos, pode contribuir para a disseminação de escolhas linguísticas predominantemente encontradas na fala.

Uma dessas uniformizações é perceptível na pesquisa de Paredes Silva e Pinheiro (2020), na qual destaca-se que a variação do objeto de terceira pessoa em conversas do WhatsApp é semelhante ao que ocorre na fala. Contudo, acreditamos que a variável que investigaremos

no *tweet* assemelha-se a sua realização na escrita convencional, tendo em vista os propósitos comunicacionais do referido gênero e sua organização. Para confirmar ou refutar nossa hipótese, analisaremos a língua que circula no *tweet* de modo empírico, mas, antes disso, devemos nos empenhar na descrição da nossa metodologia de trabalho.

**5.**

# **Caminhos percorridos**

Ao estabelecermos os direcionamentos para o empreendimento da nossa obra, alinhamos os aspectos tipológicos ao modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1990, 1994, 2001, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 2006), cujos princípios nos amparam.

Logo, o presente estudo se constitui como descritivo, já que visa a descrever características de uma população ou fenômeno ou, ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis (Prodanov; Freitas, 2013), o que acorda com a teoria adotada, a qual objetiva compreender os fatores que influenciam a variação linguística e a relevância desses fatores para um dado fenômeno variável (Cezario; Votre, 2020).

Em termos de abordagem, consideramos a pesquisa tanto quantitativa quanto qualitativa, pois esta sugere uma interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, de modo subjetivo, e aquela busca traduzir as informações em números (Prodanov; Freitas, 2013). Dessa maneira, a abordagem quantitativa consiste no tratamento estatístico dos dados e é defendida por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008), uma vez que um dos nomes dados à teoria em cena, Sociolinguística Quantitativa, já nos revela sua inclinação. A abordagem qualitativa, por seu turno, nos permite realizar uma interpretação subjetiva dos números obtidos, associando-os a fatores funcionais.

É pertinente pontuar que, para a nossa investigação quantitativa, codificamos, devidamente, os dados e os submetemos ao GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), o qual corresponde à versão atual do pacote de programas computacionais VARBRUL, disponível para Windows. Por este *software*, foi possível realizar uma análise multivariada, na qual pudemos alcançar os percentuais e os pesos relativos concernentes aos condicionantes que influenciam ou não a variável dependente.

Ademais, a respeito de seus procedimentos, o método adotado é bibliográfico e documental, pois é feito a partir de materiais já publicados, como livros, teses e artigos científicos (Prodanov; Freitas, 2013). Em nosso caso, utilizamos esse método para que possamos responder a um de nossos problemas, ao extrairmos os resultados de outros estudos sobre a mesma variável para compararmos com os nossos. À pesquisa documental compete o uso de documentos, sejam escritos ou não, na coleta de dados (Lakatos; Marconi, 2003), coadunando também com a Teoria da Variação e Mudança Linguística, por esta advogar por uma análise da língua em uso. Dessa forma, compomos um *corpus* com um material escrito, o qual será descrito a seguir.

## 5.1 O corpus

Para a realização deste trabalho, organizamos um *corpus* constituído por 2.520 *tweets* que contêm a variável dependente em foco. A amostra foi coletada de 36 perfis pessoais e públicos do Twitter, dos quais extraímos 70 *tweets* de cada um. Nesse ínterim, selecionamos 36 participantes, os quais foram organizados em células sociais (Silva, 2019; Tarallo, 2007) a partir do sexo/gênero e da faixa etária. Vejamos sua distribuição a seguir:

**Tabela 1:** Distribuição dos participantes em células sociais

Faixa etária	Sexo/gênero	
	Homens	Mulheres
F1 (18 a 28 anos)	6	6
F2 (29 a 38 anos)	6	6
F3 (39 a 55 anos)	6	6
Total	18	18

**Fonte:** Elaboração própria

Em consonância com o que expusemos na Tabela 1, os participantes foram devidamente estratificados: são 18 participantes do sexo/gênero masculino e 18 participantes do sexo/gênero feminino que estão divididos em três grupos de faixas etárias: faixa etária 1 (f1), com sujeitos de 18 a 28 anos, faixa etária 2 (f2), de 29 a 38 anos, e faixa etária 3 (f3) com aqueles de 39 a 55 anos. Logo, cada grupo de faixa etária conta com 12 participantes, sendo 6 mulheres e 6 homens, de forma que mantemos o equilíbrio entre as células sociais.

Diante desses aspectos, o instrumento de coleta de dados por nós adotado consistiu na observação sistemática, a qual se realiza em condições controladas, a fim de responder aos propósitos preestabelecidos. Esse instrumento é frequente em pesquisas que têm como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses (Prodanov; Freitas, 2013), haja vista a análise prévia dos dados para que pudéssemos identificar os materiais adequados para a composição de nossa amostra.

Essa observação nos permitiu chegar aos participantes e perceber quais dados seriam válidos para o empreendimento da pesquisa, a partir dos critérios de inclusão e exclusão que estabelecemos, *a priori*. Dessa forma, os participantes deviam pertencer aos sexos/gêneros

masculino e feminino, bem como se encaixar em uma das faixas etárias preestabelecidas e expostas na Tabela 1.

Todavia, já que não tivemos contato direto com os participantes, para que pudéssemos verificar tais informações, selecionamos apenas os sujeitos cujo sexo/gênero pôde ser confirmado pela foto do perfil e/ou pelo apelido de usuário e, por isso, não nos compete a distinção entre sexo e gênero. Para a confirmação da idade de cada sujeito, contamos somente com aqueles que possuíam a data de nascimento exposta na sua conta do Twitter. Logo, foram excluídos os perfis nos quais não tivemos como coletar esses dados. Além disso, não foram considerados os sujeitos que possuíam perfis privados<sup>5</sup>, uma vez que nos limitamos à coleta de materiais de acesso público e irrestrito.

Os textos incluídos, por seu turno, correspondem àqueles nos quais podemos analisar a variação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular. Evidentemente, os textos excluídos da pesquisa são os que não nos permitem observar a variável em questão, como também *tweets* com trechos de músicas, reproduções de conversas ou frases ditas por terceiros com a devida referência, porque não consistem em produções textuais-discursivas do participante da pesquisa e, por isso, prejudicariam os resultados.

Não incluímos, também, *tweets* que estabelecem uma relação de dependência na compreensão do enunciado com um *tweet* seguinte, em uma *thread*, bem como não consideramos os verbos no infinitivo. Aqui, serão utilizados os verbos apenas em suas formas finitas, tendo em vista não somente a imprecisão na identificação dos sujeitos pronominais em se tratando de verbos no infinitivo – se de primeira, segunda ou terceira pessoa –, mas principalmente na dificuldade de compreender se estamos diante de um caso de caráter genérico<sup>6</sup> ou de caráter específico<sup>7</sup>, visto que apenas este último corresponde ao nosso objeto de estudo.

Definidos os critérios de inclusão e exclusão, convém explicar os direcionamentos que tomamos como garantia da privacidade dos sujeitos, para que não seja possível identificar os *tweets* utilizados em nossos exemplos e os participantes da pesquisa pelo campo de busca do Twitter, posto que asseguramos seu anonimato:

---

5 Em perfis privados, não é permitido o acesso por pessoas que não estejam cadastradas na plataforma e que não sejam seguidores do usuário (conferir 5.1.1).

6 Os casos de caráter genérico no uso de pronomes ocorrem quando os falantes não se referem a um sujeito específico, mas fazem uma certa generalização, como no uso do pronome de segunda pessoa do singular destacado em negrito no exemplo seguinte: “eu não gosto de revisor ortográfico, jamais conserta o que precisa, apenas serve para fazer **VOCÊ ERRAR.**”

7 Os casos de caráter específico, diferentemente daqueles de caráter genérico, são encontrados quando os falantes se referem a um sujeito exato, como no pronome de primeira pessoa do singular em sua forma expressa evidenciada no exemplo subsequente: “Final de semana chegou para **EU FICAR** dois dias enfiada dentro do templo, sem tempo. Ø Adoro.”

- a) Nomes de pessoas e de usuários citados nas mensagens serão trocados por nomes fictícios;
- b) Excluiremos ou substituiremos por sinônimos itens lexicais não essenciais para a nossa análise;
- c) Assuntos polêmicos, como discurso de ódio, ameaças, publicações racistas e de intolerância religiosa, além de temas de cunho político, não serão utilizados em nossos exemplos.

Após a exposição dos percursos que seguimos, nos dedicaremos a uma breve descrição da rede social na qual coletamos os dados.

## 5.1.1 A rede social Twitter

O Twitter é uma rede social cujo acesso se dá por meio de um aplicativo instalado em dispositivos móveis ou em seu próprio *website*. Criado em 2006, por Biz Stone, Evan Williams e Jack Dorsey, o seu objetivo inicial era proporcionar aos usuários a publicação de mensagens instantâneas na *web*, com limite de caracteres – 140, na época –, assim como em *SMS (Short Message Service)*. A adoção do nome Twitter surgiu em referência à expressão “*a bird tweed me*”<sup>8</sup>, uma vez que sua emergência se deu pela necessidade de promover o compartilhamento de informações, o que lhe confere a categoria de *microblog* (Parente, 2014).

Desde então, muitas transformações ocorreram na plataforma, a fim de atenderem às necessidades de quem a utiliza. A partir de novembro de 2017, o desenvolvimento de textos em até 280 caracteres se tornou uma possibilidade<sup>9</sup>. Além disso, por adquirir uma utilidade mais ampla, a pergunta central que direciona a publicação do usuário mudou de “o que você está fazendo?” para “o que está acontecendo?”, como podemos notar na Figura 1:

---

8 “Um passarinho me contou” (Tradução de Parente, 2014).

9 É válido mencionarmos que, após o empreendimento do presente estudo, especificamente em outubro de 2022, o Twitter foi comprado pelo empresário Elon Musk. Com a troca de proprietário, algumas mudanças no funcionamento do Twitter foram realizadas, como a fundação do programa pago de assinaturas Twitter Blue, em junho de 2023, e a mudança do nome da rede social em tela, que, em julho do mesmo ano, passou a ser denominada X. Em decorrência disso, o seu programa de assinaturas também teve o nome alterado, tornando-se o X Premium.

**Figura 1** – Recorte da página inicial do Twitter



**Fonte:** Twitter

Na figura acima, é possível observarmos um recorte da página inicial do Twitter, localizado na parte superior desta rede social. Além do questionamento feito pela plataforma, no espaço destinado ao texto, o recorte nos mostra que o usuário tem a chance de escolher quem terá acesso à mensagem, a qual chamamos de *tweet*<sup>10</sup>, uma vez que há como restringi-la a uma lista selecionada pelo produtor do conteúdo, bem como escolher quem poderá respondê-la, se qualquer pessoa, apenas aqueles seguidos pelo perfil ou, ainda, aqueles que o emissor mencionar em seu texto.

Os textos produzidos no Twitter contam com a possibilidade de inserção de *link*, imagem, vídeo, *GIF*, *emoji* e gravação de áudio. Há, também, como realizar enquetes que podem ser respondidas por outros usuários, aumentando a interação entre os sujeitos, e como programar o momento em que desejamos publicar o *tweet*, a partir da data e horário exatos preestabelecidos.

No lado direito do questionamento feito pelo Twitter, é possível visualizar uma foto associada ao perfil, a qual, na Figura 1, está ocultada por uma forma circular azul por motivos de privacidade. Inclusive, é imperativo sublinhar, conforme apontam Azevedo, Pereira e Ayres (2021), que, como meios de identificação do perfil, a estrutura do *tweet*, além da imagem, conta com um apelido e um *user* – o nome de usuário – introduzido pelo símbolo @, que também permite a menção a outro usuário. Azevedo, Pereira e Ayres (2021) ressaltam que, ao visualizarmos um

<sup>10</sup> Com a alteração no nome da rede social para X, a sua publicação recebeu o nome de *post*. A assinatura do Twitter Blue/X Premium também interfere na elaboração dos *tweets/posts* por seus assinantes. Contudo, a quantidade de recursos disponibilizados depende do plano assinado: desde outubro de 2023, seus usuários podem escolher entre três planos denominados Básico, Premium e Premium+. O Básico, como o nome diz, possui o valor mais acessível, o Premium é o plano de valor intermediário, enquanto o Premium+ tem o valor mais alto entre os três. À medida que os valores aumentam, os recursos também aumentam. Ambos possibilitam, entre outros artifícios, que os usuários escrevam textos mais longos, com até 25.000 caracteres divididos em *tweets/posts* subsequentes; editem suas publicações; publiquem vídeos mais longos do que os da versão gratuita do Twitter/X, com até duas horas de duração, e personalizem o tema do Twitter/X em suas contas, ou seja, escolham as cores do *layout* da rede social e do ícone do aplicativo. Todavia, opções como a remoção de anúncios nos *feeds* e o recebimento de pagamento por *tweets/posts* estão circunscritos ao plano Premium+. Apesar das alterações mencionadas, optamos pela manutenção, ao longo do texto, do termo Twitter e das palavras que desse derivam, como *tweet*, uma vez que a nossa pesquisa foi realizada em um momento anterior às mudanças terminológicas e composicionais do gênero que circula no Twitter/X.

*tweet*, também temos acesso ao horário, data e o meio utilizado na publicação, se por via *web*, se pelo sistema *Android* ou por um *Iphone*, os quais estão inseridos na parte inferior do *tweet*.

Na página inicial do *site*, abaixo do que visualizamos no recorte, são encontrados os *tweets* que compõem a *Timeline (TL)* de um perfil, ou seja, a *TL* engloba o fluxo de mensagens de outros perfis que o usuário segue ou de tópicos temáticos de seu interesse. Aqui, não será possível expor um recorte da *TL*, também, em razões éticas, a fim de preservar a privacidade da comunidade do Twitter.

Em consonância com o que introduzimos, o usuário pode escolher outros perfis ou tópicos de temas diversos para seguir, desde assuntos relacionados à cultura, de maneira geral, à arte – é possível, inclusive, seguir um tópico destinado a um único artista –, ao mundo dos *games*, à tecnologia e à ciência até aqueles voltados para o cotidiano, como alimentação, relacionamentos e animais. A partir do acesso a esses *tweets*, o usuário pode curtir e comentá-los. É a partir desses aspectos que a interação se realiza. O contrário também ocorre: o sujeito inscrito no *site* pode selecionar os tópicos que não são de seu interesse, para que esses não cheguem a sua *TL*.

Os assuntos que interessam aos sujeitos podem ser acessados, ainda, através da *hashtag*, a qual corresponde a uma palavra ou mais associadas ao símbolo #, e, nesse último caso, as palavras são unidas sem a adição de espaços, ou podem ser encontrados ainda pelo uso de palavras-chave no campo de busca do Twitter. Consoante o exposto, os assuntos mais comentados no Twitter podem ser verificados, diariamente, no campo “assuntos do momento”.

Outra ferramenta disponível aos usuários é o *retweet (RT)*, cuja função permite o compartilhamento de *tweets* já produzidos, seja pelo próprio responsável pelo perfil ou por sujeitos de outros perfis, com a inserção de comentários ou não. Há, no entanto, perfis públicos e privados. Os perfis públicos correspondem àqueles que podem ser visualizados por quaisquer pessoas, mesmo que não sejam cadastradas no *site*, já os perfis privados restringem o acesso às publicações aos seus seguidores, os quais, por sua vez, só se encaixam como tal sob permissão do sujeito responsável pela conta, e seus *tweets* não dispõem da função de *RT*. Dessa maneira, nossa pesquisa utiliza apenas os *tweets* publicados em perfis pessoais.

Ademais, em vista da limitação no tamanho dos *tweets*, os usuários costumam optar por uma *thread*. Comumente identificada pelo símbolo (+) ou por expressões como “segue o fio/a *thread*”, a *thread* diz respeito à continuação do texto a partir da função de “resposta”, cuja criação resultou da necessidade de que usuários comentassem as publicações de outros perfis.

Devemos sublinhar, ainda, outras formas de comunicação presentes no Twitter, a Direct Message (DM), que consiste em diálogos privados entre duas ou mais pessoas, e o Twitter

Spaces, ou Twitter Espaços, cuja função permite aos usuários a conversação por voz entre duas ou mais pessoas. De acordo com o que observamos, superficialmente, os funcionamentos da DM e do Twitter Spaces permitem a sua atribuição ao gênero *chat*. Porém, como já mencionamos, investigamos somente a língua materializada no *tweet* e, por essa razão, fixaremos nossa atenção a sua classificação como um gênero.

### 5.1.1.1 O *tweet* como gênero

Já é comum que aqueles que se debruçam no estudo da linguagem utilizada em *tweets* questionem-se acerca da categoria genérica que compreende tais textos publicados no Twitter. Encontramos pesquisas as quais reconhecem que o gênero é o próprio Twitter (Demétrio; Costa, 2013; Lé, 2011), como também trabalhos que advogam pelo *tweet* como um gênero (Azevedo; Pereira; Ayres, 2021; Azevedo; Pereira; Guerra, 2020; Freitas; Barth, 2015), como é o caso deste livro.

Esclarecemos, de antemão, que o Twitter, em nossa concepção, não pode ser considerado um gênero, uma vez que nele não é materializado apenas o *tweet*, conforme adiantamos em momento anterior, mas há ainda a DM e o Twitter Spaces, que funcionam como *chats*, nas modalidades escrita e oral. Dessa maneira, o Twitter se classifica como um suporte virtual em que há a materialização de gêneros com diferentes finalidades, dentre os quais encontramos, justamente, o *tweet*.

Como já admitimos, o Twitter surgiu da necessidade do desenvolvimento de uma rede que se aproximasse de *blogs* e *SMS* e, não à toa, o *tweet* mescla características desses gêneros, em sua finalidade, estilo e composição. Aqui, lembramos de Marcuschi (2010) e Bakhtin (2016) que, em termos diferentes, reconhecem que um gênero pode valer-se de características de outros gêneros para constituir-se como tal.

Nesse contexto, concordamos ainda com Freitas e Barth (2015), os quais reconhecem, sob os termos de Bakhtin (2016), que o *tweet* possui uma multiplicidade de estilos e conteúdos temáticos, a depender dos propósitos comunicacionais dos usuários do *site*. Dito de outro modo, os autores verificam, em sua análise, que o estilo e o conteúdo variam conforme o próprio perfil do usuário: os perfis pessoais – administrados por uma só pessoa e com fins individuais – podem utilizar uma linguagem mais informal e acolher quaisquer temáticas, desde assuntos pessoais a temas sociais, ao contrário dos perfis institucionais, que têm seu conteúdo temático restrito, o que conseqüentemente implica no estilo adotado.

Azevedo, Pereira e Ayres (2021) acrescentam que a construção composicional do *tweet* tem como particularidades a limitação na extensão do texto – 280 caracteres<sup>11</sup> – e as informações para a identificação do seu autor: apelido, *user* e uma foto, bem como quando e qual o meio em que o enunciado foi produzido, como destacamos na descrição de seu próprio suporte, o qual concede esta estrutura ao *tweet*. Além disso, a constituição por palavras, *hashtags* e *links* demonstra a existência da inter-relação entre a construção composicional e o próprio estilo, haja vista a dependência que a composição tem em relação ao estilo no uso de elementos multissemióticos (Azevedo; Pereira; Ayres, 2021).

Ademais, quanto às características do *tweet*, Freitas e Barth (2015, p. 9) afirmam que:

[...] Os *tweets*, aparentemente, são constituídos por características de diversos gêneros como notícia, conversa informal, bilhete, citação etc., que foram modificados para atender às necessidades de comunicação encontradas na rede social [...]

Nesse sentido, os autores chamam a atenção para o hibridismo presente no *tweet*, ou seja, o gênero em questão possibilita a adaptação de textos que, a princípio, seriam correspondentes a outros gêneros. É comum, desse modo, encontrarmos *tweets* com trechos de músicas ou ainda reproduções de diálogos cotidianos. Em nosso caso especificamente, esses *tweets* não foram considerados. Além disso, a face híbrida do *tweet* se revela à medida que podemos contemplar uma pluralidade de semioses e mídias dentro do gênero, como *links*, vídeos, imagens, nas quais pode haver, inclusive, gêneros como memes ou anúncios publicitários.

Em síntese, podemos conceituar o *tweet* como um gênero que, igualmente a outros gêneros emergentes, surge da influência de outros já consagrados na sociedade e que materializa hipertextos curtos, os quais podem atender a diversos objetivos, mas que buscam, essencialmente, a divulgação de informações, permitindo, ainda, uma certa interação entre os sujeitos. Tais processos comunicativos se efetivam tanto de maneira síncrona quanto assíncrona, visto que eles podem *retweetar* outros textos ou comentá-los em momento posterior ao da publicação. Apesar disso, admitimos que a velocidade com que as mensagens são produzidas e propagadas favorece a sincronia na comunicação.

Por essas razões, bem como pelo fortalecimento da linha tênue no contínuo entre fala e escrita que este gênero também apresenta, a sua linguagem nos parece instigante para a realização de uma investigação sociolinguística. Nesse caminho, apresentaremos a variável sobre a qual direcionamos o nosso olhar no gênero *tweet*.

---

11 Conforme elucidamos anteriormente, desde 2023, os usuários assinantes do Twitter Blue/X Premium podem elaborar enunciados com até 25.000 caracteres, o que pode ocasionar mudanças no gênero em tela. Com a construção composicional alterada, o estilo e, por conseguinte, a escolha por variantes linguísticas específicas podem mudar. Logo, um estudo futuro focado nas novas possibilidades comunicacionais trazidas pelo Twitter Blue/X Premium, sua diferença daquilo que é produzido por não-assinantes e o impacto nas escolhas linguísticas parecem-nos relevante.

## 5.2 Variável dependente

A variável dependente discutida neste trabalho é a representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular. Trata-se de uma variável binária, visto que integra duas variantes, ou seja, pode-se realizar a partir de duas formas. Observemos, a título de ilustração, os seguintes recortes de *tweets*:

- (1) Ø Vou conhecer a filha do *crush*, domingo.
- (2) Se **EU** gravasse um novo *podcast*, vocês ouviriam?

O enunciado (1) contém um sujeito pronominal nulo, que é prescrito convencionalmente pela Gramática Normativa (Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2016; Rocha Lima, 2011), exceto em casos de ambiguidade e ênfase. Já no enunciado (2), temos uma ocorrência de sujeito preenchido, que, no caso da primeira pessoa do singular, ocorre quando o “eu” está presente, o qual embora não seja indicado, na maioria dos casos, pela Gramática Normativa, não configura uma variante estigmatizada pela avaliação social.

Expressas as variantes aqui investigadas, concordamos com Mollica (2019) acerca da não aleatoriedade da escolha entre uma das variantes, tendo em vista a influência das variáveis independentes, tanto as de natureza linguística quanto as de natureza social, que explicaremos a seguir.

## 5.3 Variáveis independentes

As variáveis independentes, como mencionamos anteriormente, são aquelas que justificam as escolhas dos falantes entre as variantes de uma variável dependente. Em nosso caso, como nos preocupamos com a representação do sujeito pronominal, devemos explicar quais as variáveis independentes, isto é, os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ou não influenciar na alternância entre as formas já apresentadas.

### 5.3.1 Fatores linguísticos

Ao assumirmos uma postura sociofuncionalista, procuramos investigar, especialmente, os fatores linguísticos de natureza morfossintática, semântico-pragmática e discursiva, a saber: *ênfase*, *ambiguidade*, *conexão discursiva* e *tipo sintático da oração*, que serão apresentados a seguir.

### 5.3.1.1 Ênfase

A Gramática Normativa preconiza a ênfase como um fator favorecedor do preenchimento do sujeito pronominal (Cunha; Cintra, 2016; Rocha Lima, 2011). No entanto, consoante Paredes Silva (1988), os manuais não explicam, com clareza, a concepção deste condicionante. É isso que a pesquisadora tenta fazer ao destacar que, dentro da ênfase, podemos encontrar a “contrastividade”, sugerida inicialmente por Chafe (1976 *apud* Paredes Silva, 1988) e o “reforço”. Para fins explicativos, pontuamos que esse último preconiza a influência da associação de palavras ou expressões à realização do sujeito, quando há oposição entre outros constituintes da oração. Já aquela ocorre quando há o contraste pelo uso de conjunções e como forma de opor constituintes da oração e é desenvolvida a partir do conhecimento prévio entre emissor e receptor, da existência de referentes como possíveis sujeitos e da certificação do sujeito correto. Assim, Paredes Silva (1988) lista as circunstâncias em que há a ênfase:

- a) Conectivos contrastivos, os quais são conjunções (mas, porém, embora) e advérbios sentenciais (ainda, de qualquer modo, iniciadores de período), conforme o exemplo (3):

(3) Desculpem aqueles que gostam do verão, **MAS EU NÃO POSSUO** dinheiro para ser defensora do calor nessa cidade.

- b) Sujeitos distintos, mas com o mesmo verbo, como no exemplo (4):

(4) Onde **VOCÊ RESIDIA** na década passada? **EU RESIDIA** em um lugar bem organizado.

- c) Complementos diferentes para duas ocorrências de um mesmo item verbal, como no exemplo (5):

(5) *WhatsApp Web* está ruim para aqueles que têm o hábito de apagar conversas já finalizadas e arquiva as outras respondidas e os grupos lidos. Quando **EU REALIZO UMA LIMPEZA**, ~~Ø~~ **REALIZO NO SMARTPHONE** e emparelho novamente no navegador.

d) Uma afirmativa e uma negativa em referência a núcleos predicados iguais ou semelhantes, como no exemplo (6):

(6) Hoje foi o primeiro dia que fiquei bêbado ao ponto de telefonar para o ex. Ø NÃO INDICO. Aliás, Ø AINDA INDICO, porque há álcool no meu organismo. No entanto, certamente, amanhã Ø não indicarei.

e) Oposição no espaço ou no tempo, como em (7):

(7) Loucura, até uns dias atrás, EU NEM APRECIAVA cerveja e, hoje, EU ESTAVA em um bar bebendo e experimentando aperitivo com os meus amigos.

f) Itens verbais com sentidos opostos, conforme o enunciado (8):

(8) Na infância, EU ADORAVA o Pedrinho de todo meu coração e Ø DETESTAVA o Arthur com todas minhas forças.

g) Adjunção de palavras ou expressões, vejamos os exemplos (9) e (10):

(9) E EU QUE FUI COCHILAR e Ø SONHEI com meu emprego? Eu sou uma chacota.

(10) Este mês, EU MESMA TINGI e Ø fiz o corte do meu cabelo.

h) Topicalização, como no enunciado (11):

(11) Toda a minha renda EU DEDICO à alegria, saúde e conforto do meu animal de estimação. Meu animal de estimação está feliz? Eu estou feliz.

i) Passemos, dessa forma, à conceituação e exemplificação do condicionante *ambiguidade*.

### 5.3.1.2 Ambiguidade

A *ambiguidade* é uma outra justificativa dada pela Gramática Normativa para a presença do sujeito pronominal. Paredes Silva (1988) esclarece que esse condicionante se subdivide em ambiguidade morfológica e contextual.

Segundo a autora, a *ambiguidade morfológica* ocorre quando há uma neutralização da oposição entre a primeira e a terceira pessoa do singular, como no pretérito imperfeito, mais-perfeito, futuro do pretérito do indicativo e nos tempos do modo subjuntivo. Devido às

mudanças no quadro pronominal do PB, acrescentamos a essa oposição as formas verbais referentes ao “você”, pronome correspondente à segunda pessoa do singular.

A *ambiguidade contextual* é entendida por Paredes Silva (1988) como aquela em que um contexto possui mais de um concorrente à função de sujeito do verbo em questão e, mesmo pelo viés pragmático, há dificuldade em interpretar, de fato, a que sujeito o verbo se refere, caso não haja a presença do pronome.

Assim, há três classificações que, como Paredes Silva (1988), consideramos para a verificação da influência da *ambiguidade* na variação do sujeito pronominal: verbos morfologicamente menos ambíguos, verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos e verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos, vejamos os exemplos:

(12) Ø COZINHEI um purê muito delicioso, ai que maravilha.

(13) **EU ADORAVA** a fórmula de bhaskara. Naquele período, **EU AINDA PENSAVA** que era ótimo em exatas.

(14) No ano anterior, uma amiga foi a minha procura e me motivou a procurar patrocínio para o meu emprego. **EU TINHA** um boletim informativo ativo, o plano seria obter apoio para a elaboração do boletim informativo. Foram, sei lá, ao menos quarenta conversas com instituições relevantes. Todas negaram.

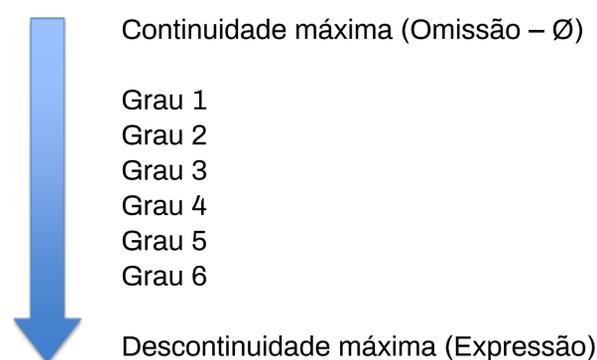
No exemplo (12), temos um caso de um verbo morfologicamente menos ambíguo, posto que sua flexão é oposta às flexões de outras pessoas discursivas. Logo, a expressão do sujeito pronominal é desnecessária. O enunciado (13), por seu turno, apresenta dois verbos morfologicamente mais ambíguos, tendo em vista sua flexão idêntica a de outras pessoas do discurso, mas em contextos menos ambíguos, dada a ausência de um outro referente que concorra com o sujeito. O exemplo (14), finalmente, apresenta o caso de maior ambiguidade, quando temos um verbo morfologicamente mais ambíguo em um contexto mais ambíguo, ou seja, é um enunciado composto por um verbo com desinência análoga a de outras pessoas discursivas e que possui dois referentes que podem ocupar a função de sujeito desse mesmo verbo. Neste exemplo, se não houvesse o pronome expresso, não saberíamos identificar se o referente seria a autora do *tweet* ou sua amiga.

Dadas as explicações, nos concentremos agora em outro grupo de fatores, a *conexão discursiva*.

### 5.3.1.3 Conexão discursiva

A *conexão discursiva* é um condicionante proposto por Paredes Silva (1988), com inspiração em Li e Thompson (1979) – os quais se preocupam com a representação do sujeito de terceira pessoa do Mandarim – e que permite que a ausência ou presença do sujeito pronominal seja definida por uma escala de conexão. Isto é, aspectos como tempo verbal, mudança de referente ou de tópico podem determinar os usos do sujeito pronominal em uma escala que tem início no grau 1 e é finalizada no grau 6, como veremos na figura subsequente:

**Figura 2** – Graus da variável conexão discursiva



**Fonte:** Lima (2014, p. 41)

Na Figura 2, podemos encontrar o grau 1 definido como aquele em que existe uma continuidade máxima, o que favorece a omissão do sujeito pronominal. No grau 1, há a permanência do referente, do aspecto, modo e tempo verbal, como no caso abaixo:

- (15) Hoje, **EU ARRUMEI** o ventilador, Ø COLOQUEI máscara de hidratação no meu cabelo, Ø ESTIVE na academia, Ø INGERI água, Ø ESTUDEI, Ø NÃO ME ALIMENTEI mal, Ø CONVERSEI com meus amigos e, também, Ø APARECI nas redes sociais, o que quer dizer que não esperem nada de mim nos seis meses seguintes.

No exemplo (15), temos um caso de conexão ótima, assim intitulado por Paredes Silva (1988), já que percebemos que há uma continuidade do tópico discursivo-frasal.

O grau 2, por sua vez, apresenta sutis diferenças do grau 1. Observemos os exemplos subsequentes:

- (16) Já Ø FIZ esse pedido aqui, mas Ø REPETIREI: Ø ACEITO recomendações de aulas particulares de língua francesa, minha gente.

- (17) Ontem, finalmente, **EU CONHECI** os familiares da Marina e Ø DEVO dizer que eles são as melhores pessoas. Aliás, Ø GOSTARIA de ter ficado mais tempo conversando com o seu Jaime, muito legal!

No exemplo (16), é notório que estamos diante de um caso em que o referente se mantém o mesmo em todas as orações, mas há os três tempos verbais – passado, presente e futuro. O exemplo (17) nos traz não apenas tempos verbais distintos, como também modos verbais diferentes. Além disso, é evidente que ocorre uma transposição de um fato, o encontro entre sujeitos, para um comentário, a percepção do sujeito referente acerca dos familiares da pessoa mencionada e seu desejo de permanecer entre eles. Assim, o grau 2, de acordo com Paredes Silva (1988), permite a permanência do referente do discurso, mas implica a alteração de aspecto, modo ou tempo verbal, além do reflexo da passagem de figura a fundo, do plano real para o irreal ou, ainda do fato para o comentário.

O grau 3, diferentemente dos anteriores, apresenta ocorrências com mais de um referente. Seu antecedente, entretanto, corresponde a orações pequenas, normalmente impessoais, que, apesar disso, não se constituem como uma interrupção na sequência do discurso, de fato, por ainda ter o mesmo tema e não haver competição entre referentes. Vejamos, abaixo:

- (18) Ø PAREÇO que Ø VIVO no futuro e é uma sensação bem esquisitamente agradável.  
*Na Dinamarca, não existe mais controles por causa da pandemia. Nenhum. Ø*  
DESACOSTUMEI a estar em uma sala de aula ou reunião ou veículo sem máscara.

No exemplo (18), temos um caso de grau 3, visto que o sujeito é o mesmo nas duas primeiras orações e na última, mas, entre elas, ocorre uma pequena quebra na continuidade do referente com a oração destacada em itálico, precedida da retomada do sujeito de primeira pessoa do singular. Assim, não há outro possível ocupante da posição de sujeito do enunciado.

Agora, cabe-nos verificar quando ocorre o grau 4:

- (19) Em meu retorno a São Paulo, **EU VOU** ficar alcoolizada e cantar em um *karaokê*.
- (20) Mãe, constantemente, me apoia em tudo. Em uma época, **EU DESEJEI** desenvolver uma casinha com palitos de picolé. Ela comprou tudo e me auxiliou. Em seguida, **EU QUIS** praticar natação e ela me colocou na escola.

Os enunciados (19) e (20) refletem, justamente, as situações em que nos deparamos com o grau 4 da escala da *conexão discursiva*. Neste grau, a primeira menção ao referente vem em outra função sintática. No caso da primeira pessoa, sua presença se faz pelo pronome possessivo, como no enunciado (19), ou pelo pronome oblíquo, conforme constatamos no exemplo (20). Dessa forma, Paredes Silva (1988) nos mostra que, no grau 4, o referente passa de uma posição secundária para a função central do enunciado.

No grau 5, as diferenças tornam-se mais acentuadas, já que, diferentemente dos graus anteriores, nesse há a inserção de um outro sujeito discursivo:

- (21) Eu ia fotografar um casal de noivos depois do casamento, mas a noiva estava com fome e **EU ADOREI** que os dois resolveram ir a uma rede de *fast food* com a roupa e tudo.

Neste grau, o sujeito é introduzido e, em seguida, há a entrada de um novo referente e o sujeito citado anteriormente surge como uma retomada. No enunciado (21), a primeira pessoa do singular aparece, inicialmente, mas sofre interferência de um novo referente, em terceira pessoa. Por fim, há a retomada do referente anterior.

No grau 6, encontramos enunciados em que, conforme Paredes Silva (1988), o sujeito de primeira pessoa tem sua conexão mais fraca, chamada por Lima (2014) de descontinuidade máxima, como podemos notar no exemplo (22):

- (22) Hoje, a rede social vizinha me recordou que faz oito anos que **EU PASSEI** no SISU para Jornalismo. *(Era minha segunda opção porque a primeira era em outra universidade, que acabou se tornando meu lar no período posterior, na chamada do segundo semestre). Que trajetória até aqui! **EU NÃO MODIFICARIA** nada.*

O enunciado (22) demonstra que, no grau 6, deparamo-nos com uma mudança no tópico discursivo. Neste exemplo, essa alteração de tópico se torna ainda mais visível com o uso de parênteses. Além disso, não houve sequer troca de referentes, a pessoa é a mesma ao final do enunciado, que é retomado em sua forma preenchida, já que, consoante o postulado de Paredes Silva (1988), é o grau 6 que, na escala da *conexão discursiva*, mais favorece o preenchimento do sujeito. Lima (2014), no entanto, ainda inclui os casos em que há a primeira menção ao referente, como no exemplo (23):

- (23) Café da manhã de hotel sempre foi um sonho difícil de atingir por uma razão: **EU NÃO SINTO** tanta vontade de comer quando acordo. Então, eu vejo aquele monte de comida e eu penso: “isso aqui, à tarde, eu devoraria”.

No exemplo (23), fomos imersos na temática e, posteriormente, houve a primeira menção ao referente. Em nosso trabalho, também consideraremos essas situações inclusas no grau 6.

Além dos fatores já apresentados, também investigamos o *tipo sintático da oração*, que será melhor entendido, a seguir.

### 5.3.1.4 Tipo sintático da oração

O *tipo sintático da oração* já foi amplamente investigado em outros trabalhos, os quais ratificam a sua importância para a representação do sujeito pronominal (Genuino, 2017; Paredes Silva, 1988) e, como mencionado, é o condicionante cujo direcionamento segue da forma para atingir a função da variável.

Aqui, com classificação baseada em Paredes Silva (1988), classificamos as orações em independentes, principais e dependentes, também chamadas de subordinadas. Também em acordo com os resultados alcançados por Paredes Silva (1988) e Genuino (2017), supomos que são as orações dependentes as responsáveis pela maior frequência de sujeitos preenchidos.

As orações independentes englobam as orações absolutas, as intercaladas, as orações coordenadas iniciais e não iniciais. Entretanto, como Paredes Silva (1988) destaca, essa independência se restringe à função sintática, o que exclui os aspectos semânticos ou discursivos. Vejamos os exemplos subsequentes:

(24) Nossa, **EU ESTOU** muito encantada pelo Luan, agora.

(25) Ø Fui treinar após o expediente. Ø Retornei e Ø não tive como abrir a porta da casa, pois a fechadura travou (**E Ø VIVO SOZINHA**).

(26) Ø PERDI meu RG, Ø ESTOU triste.

(27) Ø REVELEI imagens de momentos especiais para mim **E Ø ME EMOCIONEI**.

No exemplo (24), temos um caso de oração absoluta, que ocorre quando o enunciado é formado por apenas uma oração. Já a oração intercalada está presente no enunciado (25) e se refere àquela em que, ao acrescentar um comentário sobre a oração anterior, encontra-se isolada, seja por parênteses ou travessão, e não mantém relação de dependência sintática com as demais orações. As orações coordenadas, por seu turno, são aquelas que, mesmo acompanhadas de outras, são independentes em termos sintáticos e podem ser conectadas ou não por conjunções. No exemplo (26), há duas orações coordenadas que não são ligadas por conjunções coordenativas: a primeira é chamada de oração coordenada inicial; a segunda, por vir após uma outra oração, recebe o nome de coordenada não inicial. O exemplo (27) também nos traz orações coordenadas, mas unidas pela conjunção aditiva “e”.

Ao contrário das orações coordenadas, há as orações principais e subordinadas. As orações principais estabelecem uma relação de dependência com as orações subordinadas para que

se alcance uma completude sintática. As orações subordinadas, que cumprem uma função sintática em relação às orações principais, abrangem as subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais. Atentemo-nos aos enunciados seguintes:

- (28) Pessoal, venham ouvir meus relatos malucos. Ø PROMETO que vai ser legal.
- (29) Carnaval não acontecia em fevereiro? Senhor, Ø estou confusa. Ø Não estou compreendendo nada. Parece **QUE EU ESTAVA NA UTI.**
- (30) Ø Estou verdadeiramente encantado com a bolsa **QUE Ø ESTOU PRODUZINDO** e ela não está finalizada.
- (31) **QUANDO EU ESTAVA** sofrendo com pai no hospital, Ø encontrei uma menina. Ficamos dias no mesmo quarto e nos tornamos amigas. No último dia, eu contei que possuo um álbum. Ø Coloquei ela para escutar e agora ela está viajando para o festival da banda.

No enunciado (28), encontramos uma oração principal que estabelece uma relação de dependência com uma oração subordinada substantiva, a qual exerce a função de objeto direto da oração principal. No exemplo (29), temos uma outra oração subordinada substantiva com função de sujeito da oração antecedente. O enunciado (30) conta com uma oração subordinada adjetiva restritiva, a qual busca especificar o substantivo da oração principal que, neste exemplo, é a bolsa. No enunciado (31), temos, destacada em negrito, uma oração subordinada adverbial temporal, pois indica o tempo em que ocorreu uma determinada situação. No exemplo (31), diferentemente das orações anteriores, percebemos que a oração subordinada antecede a principal, o que também é comum de acontecer.

Agora, passaremos à explicação dos fatores extralinguísticos investigados em nossa variável.

## 5.3.2 Fatores extralinguísticos

À Sociolinguística Variacionista interessa, especialmente, os fatores sociais que influenciam a variação de um determinado fenômeno linguístico. Em nosso estudo, não seria diferente. Aqui, preocupamo-nos com a *faixa etária* e o *sexo/gênero*, condicionantes possivelmente influentes na alternância entre a forma “eu” como sujeito do discurso e sua ausência.

### 5.3.2.1 Faixa etária

A *faixa etária* é um condicionante já consagrado nos estudos de variáveis linguísticas por ser capaz de demonstrar se uma variação está estabilizada em uma língua ou se estamos diante de uma mudança em andamento. Labov (1994) reconhece sua importância ao discorrer acerca do estudo em tempo real e o estudo em tempo aparente.

No estudo em tempo real, o pesquisador deve dispor de dados de fala ou escrita que sejam coletados em períodos distintos para que se possa verificar o que mudou e o que permanece estável na língua. Neste caso, estão inseridas duas possibilidades de estudo: o estudo do tipo painel e o estudo do tipo tendência. O primeiro requer que haja dois levantamentos, metodologicamente idênticos, de dados com pessoas de uma mesma comunidade em épocas diferentes. Todavia, de acordo com Labov (1994), é necessário perceber se não houve mudanças significativas na comunidade que afetem diretamente sua demografia e, portanto, a sua língua. O segundo, por seu turno, implica em coletas de dados realizadas, também, em dois momentos, mas com os mesmos participantes. O sociolinguista deve, após o tempo estipulado, repetir os procedimentos metodológicos e analíticos com os mesmos sujeitos da etapa anterior.

Diferentemente, o estudo em tempo aparente consiste em um recorte sincrônico da língua em que as pessoas inclusas são estratificadas em distintos grupos de faixa etária, a fim de demarcar o possível contraste entre os resultados obtidos com os sujeitos mais jovens e os resultados alcançados com os participantes mais velhos.

Em vista da mudança apontada por Duarte (1995) na perda do princípio “Evite pronome” no PB, que dá espaço aos usos do sujeito explícito, julgamos oportuno investigar o condicionante faixa etária em uma pesquisa em tempo aparente. Para tanto, dividimos os participantes em três grupos de *faixa etária* (cf. 3.2), ao presumirmos que, à medida que a idade das pessoas aumenta, a preferência pela expressão do sujeito pronominal diminui.

Ademais, um outro fator considerado influente em processos de variação linguística é o *sexo/gênero*, o qual, por também ser explorado em nossa pesquisa, será descrito em seguida.

### 5.3.2.2 Sexo/gênero

O *sexo/gênero* é considerado, em diversos estudos, um condicionante responsável por interferir na realização de fenômenos variáveis. Labov (1990, 2001, 2008), inclusive, traça uma discussão acerca do chamado “paradoxo do gênero”.

Nessa direção, Labov (1990) estabelece dois princípios referentes ao gênero na relação com as realizações linguísticas: quando há uma estabilidade linguística, os homens utilizam

mais as formas estigmatizadas do que as mulheres; em contrapartida, em casos de mudança em curso, as mulheres usam com mais frequência as formas inovadoras.

Em outro texto, o autor sintetiza que “as mulheres se adaptam mais do que os homens às normas explicitamente prescritas, mas se adaptam menos do que os homens quando não são” (Labov, 2001, p. 293)<sup>12</sup>. Assim, as mulheres tendem a adotar as novas formas que emergem na língua, quando essas são prestigiadas socialmente e, dessa forma, livres da estigmatização social. Segundo Cezario e Votre (2020), alguns pesquisadores associam a preferência das mulheres por formas prescritas aos julgamentos sociais que já enfrentam. Logo, tal tendência decorreria da necessidade que as mulheres sentem mais do que os homens de provar suas capacidades intelectuais ou de exigir um certo respeito.

Porém, Labov (2008) compreende que não se deve incumbir às mulheres a responsabilidade de sempre liderar o curso da mudança linguística. A generalização adequada, nas palavras do autor, seria a de que “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da mudança linguística” (Labov, 2008, p. 348). Isto é, há situações em que as mulheres serão responsáveis pela mudança linguística, mas, em outros momentos, os homens estarão à frente da mudança. Nesta obra, por não haver, em nossa variável, nenhuma forma estigmatizada socialmente, supomos que as mulheres utilizam mais a forma inovadora, ou seja, o sujeito preenchido, que os homens, os quais aderem, com mais frequência, ao uso do sujeito nulo. É o que será confirmado ou refutado, *a posteriori*, com a apresentação e discussão dos resultados do estudo empreendido.

---

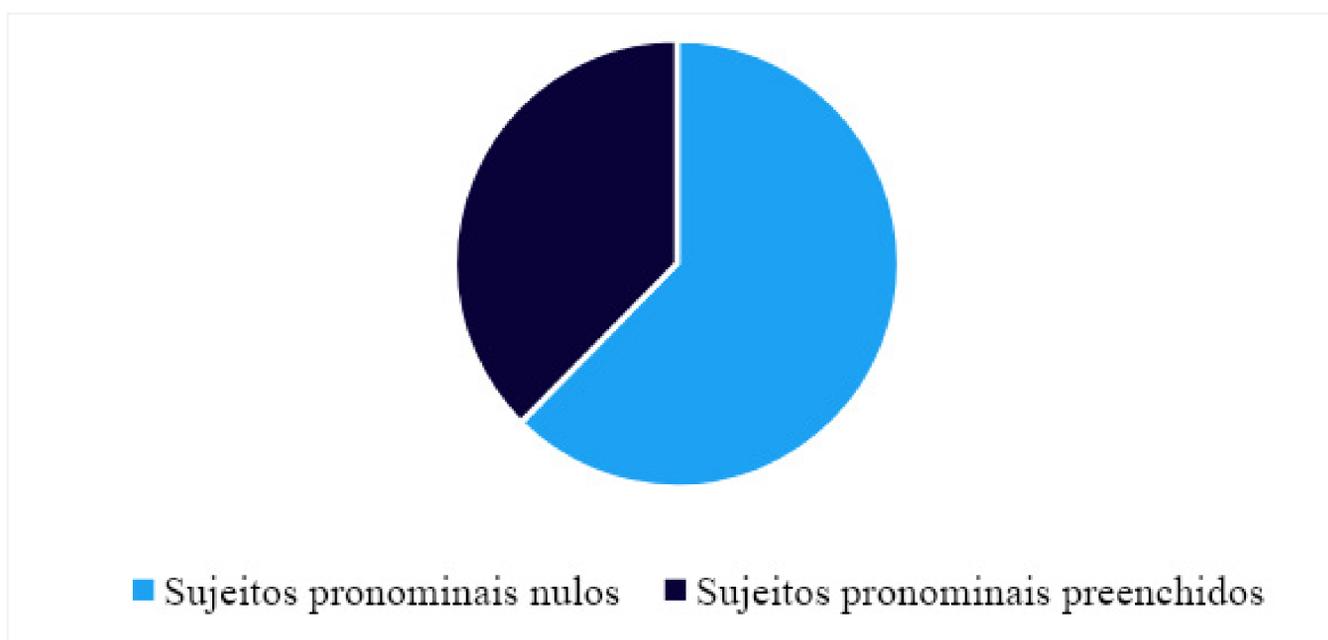
12 No original: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.” (Labov, 2001, p. 293)

**6.**

**Onde chegamos**

No presente capítulo, apresentamos os resultados alcançados com a submissão dos dados obtidos ao GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Para este fim, devemos rememorar que, como explicitamos anteriormente, a nossa amostra contou com 2520 *tweets* retirados de 36 contas do Twitter. Com isso, coletamos, no total, 4498 ocorrências da variável em tela, dentre as quais, 1692 correspondem ao sujeito exposto e 2806 ocorrências dizem respeito ao sujeito nulo. Vejamos a sua distribuição, em percentuais, entre as formas alternantes:

**Gráfico 1:** Distribuição geral da variável representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular no gênero *tweet*



**Fonte:** Elaboração própria

A partir do Gráfico 1, percebemos que nossa hipótese foi confirmada devido ao alto índice de casos em que há a omissão do sujeito de primeira pessoa do singular, a qual foi responsável por 62,40% das ocorrências, sobrepondo-se à expressão do sujeito, que se realiza em 37,60% dos dados.

A justificativa que apontamos para o resultado atingido reside no objetivo basilar do *tweet*: o compartilhamento de fatos e opiniões. O gênero analisado, conforme já sublinhado, busca responder à pergunta “o que está acontecendo?” e emergiu, especialmente, para permitir a divulgação de informações, em formato de um *microblog*. Não à toa, tal qual o nosso resultado, o gênero *blog* favoreceu a ausência do sujeito de primeira pessoa do singular, em uma pesquisa realizada por Lima (2014).

Um outro traço que pode aumentar os usos do sujeito nulo diz respeito à previsibilidade do sujeito discursivo, que é destacado na própria composição do gênero *tweet*. A sua estrutura contempla o *user* do usuário, uma foto e um apelido localizados acima do enunciado, que apontam o autor do *tweet*, além de que as publicações que selecionamos fazem parte somente de perfis pessoais, os quais têm um viés mais subjetivo e são destinados a assuntos diversos, como os sentimentos e pontos de vista de quem escreve, de modo que os leitores possam

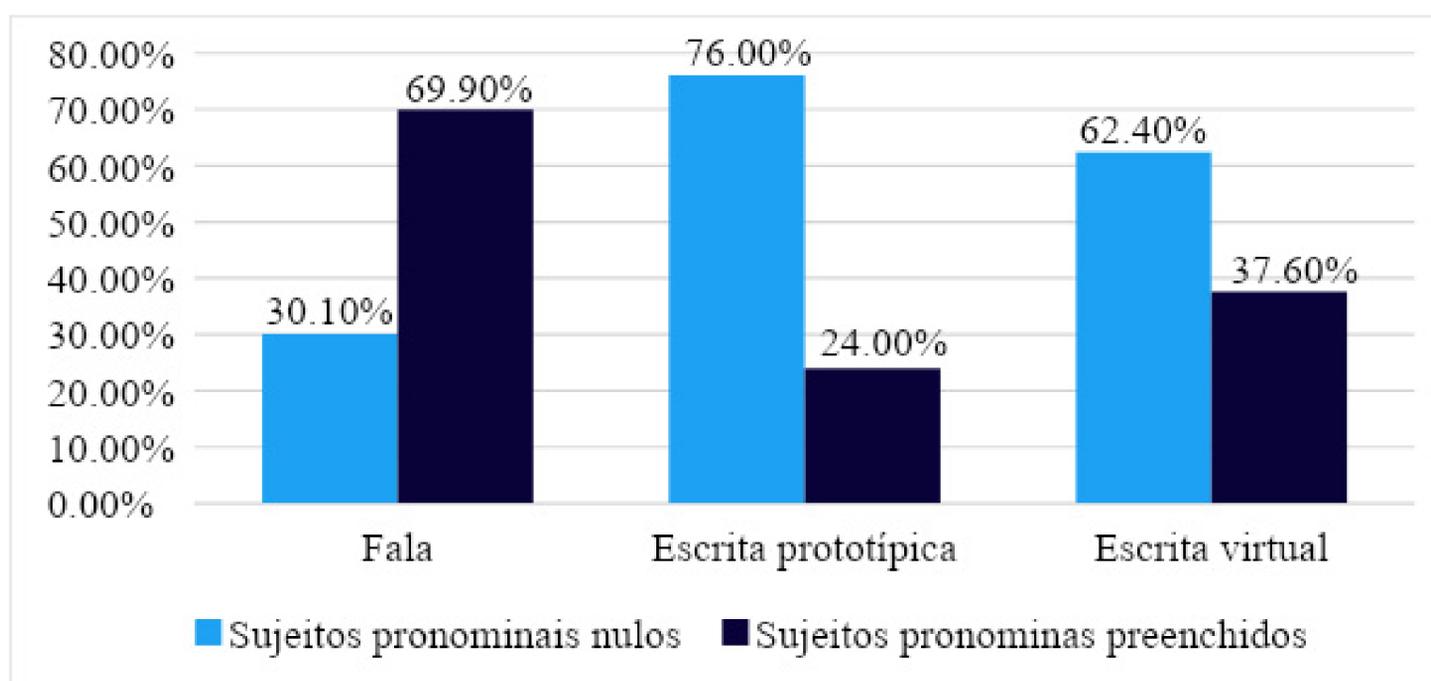
prever de quem se trata o sujeito do discurso. Aqui, visualizamos uma aproximação entre a constituição composicional e estilística do *tweet* e do *blog* que se relaciona à preferência pelo sujeito nulo, devido à justificativa encontrada por Lima (2014) para o seu resultado estar respaldada no fato de o *blog* ser assinado apenas por uma pessoa e, como consequência, ter a adoção da primeira pessoa como sujeito discursivo esperado.

Contudo, diferentemente de Lima (2014), para maiores explicações, aqui, trazemos à cena o princípio da iconicidade e seu subprincípio da quantidade, o qual preconiza que quanto mais imprevisível for uma informação, maior codificação ela receberá (Givón, 1991). Aplicando o postulado à nossa variável, deduzimos que os casos de sujeito preenchido ocorrem apenas quando exercem uma função e, aqui, como estamos lidando com uma informação facilmente presumível, temos uma menor codificação.

Não podemos negar a possibilidade de que, em algumas circunstâncias, a limitação no tamanho dos *tweets* possa interferir na ausência do sujeito, posto que os autores, supostamente, podem escolher não explicitar o pronome para que haja um maior espaço para a inclusão de outras palavras que sejam mais necessárias ao enunciado. Apesar disso, não acreditamos que essa foi a razão principal para a omissão do sujeito pronominal na maioria dos casos, em vista do que notamos em nossa observação sistemática. Todavia, reconhecemos que este é um assunto para uma outra pesquisa, que enfoque, essencialmente, esta questão.

Dessa forma, a fim de responder a uma outra pergunta do estudo empreendido, devemos verificar em que medida os resultados obtidos aqui se aproximam ou se distanciam da fala e da escrita prototípica. Para tanto, reparemos nos dados do Gráfico 2:

**Gráfico 2:** Distribuição geral da variável representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular na fala, na escrita prototípica e na escrita virtual



**Fonte:** Elaboração própria a partir de Genuino (2017) e Paredes Silva (1988)

No Gráfico 2, visualizamos os resultados aqui obtidos na escrita virtual, os resultados desta variável na escrita prototípica, com a pesquisa de Paredes Silva (1988) sobre cartas cariocas e os resultados de Genuino (2017) acerca da fala em entrevistas sociolinguísticas. Os dados que investigamos, como introduzimos, revelam uma tendência maior à omissão do sujeito; os percentuais de Paredes Silva (1988), ao se aproximarem dos nossos, também favorecem a ausência do pronome com função de sujeito, os quais possuem 76% das ocorrências; os resultados de Genuino (2017), em sentido oposto, demonstram uma preferência pelo sujeito exposto, que alcançam 69,90% dos dados.

Notadamente, pudemos confirmar a nossa hipótese de que, especificamente neste caso, a escrita virtual se aproxima da escrita prototípica, distanciando-se, dessa forma, da fala. Reiteramos que reconhecemos a distância temporal entre a pesquisa em tela e a tese de Paredes Silva (1988). Contudo, isso não causa prejuízos consideráveis em nossa pesquisa, pois, como vimos, os números de ambos os trabalhos ainda mantêm bastante semelhanças, haja vista a manutenção da preferência da modalidade escrita pela forma padronizada, consoante a Gramática Normativa, da representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular.

Cabe-nos explicar, no entanto, que não estamos, aqui, generalizando a aproximação entre a linguagem virtual e aquela produzida na escrita convencional. Ao contrário, admitimos que tais diferenças entre os modos de realização da língua podem oscilar conforme o seu gênero e a variável examinada. Em consonância com esta ponderação, lembremos da pesquisa de Paredes Silva e Pinheiro (2020), os quais, ao se voltarem ao objeto direto anafórico, chegam à conclusão de que o gênero emergente *chat* prioriza o pronome nulo, como os pesquisadores percebem em outras pesquisas acerca da fala, o que o distancia de gêneros acadêmicos da modalidade escrita, que tendem a expressar o clítico acusativo.

Compreendemos, pois, que a relação entre fala, escrita convencional e virtual não será sempre a mesma, até porque, nesses ambientes, o contínuo entre as duas modalidades da língua pode ser ainda mais perceptível. Dessa forma, se observássemos a variável do sujeito pronominal em outros gêneros emergentes, como naqueles em que se prioriza a conversa, poderíamos chegar a números que refletiriam semelhança com dados de fala, como também se substituíssemos o fenômeno em questão por outro.

Com os resultados gerais descritos e as considerações postas acima, voltamo-nos ao comportamento dos fatores linguísticos diante da variável dependente em tela.

# 6.1 Comportamento dos fatores linguísticos

A análise multivariada do GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) nos permitiu verificar a importância dos fatores linguísticos para a representação do sujeito pronominal. Adiante, buscaremos interpretar os resultados quantitativos de cada um deles: a *ênfase*, a *ambiguidade*, a *conexão discursiva* e o *tipo sintático da oração*, os quais foram selecionados pelo *software* nesta mesma sequência.

## 6.1.1 Ênfase

A ênfase foi selecionada em primeiro lugar pelo GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Vejamos sua atuação em relação à variável dependente na Tabela 2:

**Tabela 2:** Atuação da ênfase na ausência do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular no gênero *tweet*

Ênfase	Apl/Total	Percentual	Peso relativo
Sujeitos não enfáticos	2590/3837	67,5%	0.558
Sujeitos enfáticos	216/661	32,7%	0.205
<b>Total</b>	2806/4498	62,4%	

**Fonte:** Elaboração própria

Não obstante, a diferença significativa entre a quantidade de ocorrências dos sujeitos não enfáticos, com 2590 dos casos, em contraste com os 661 dados que representam os sujeitos enfáticos, conseguimos constatar, em contrapartida àqueles, a forte influência desses na explicitação do pronome “eu”. Apenas 32,7% dos sujeitos enfáticos permitiram o pronome zero. Assim, os sujeitos enfáticos desfavorecem a omissão do sujeito e, conseqüentemente, favorecem a sua expressão, o que é corroborado com o peso relativo de 0.205 para o pronome zero.

Não houve, desse modo, surpresas em relação a esses resultados, posto que em pesquisas como a de Paredes Silva (1988), Lima (2014) e Genuino (2014), a ênfase já se sobressai em relação a outros condicionantes linguísticos. Assim, diante da descrição de Paredes Silva (1988), percebemos a influência de questões semântico-pragmáticas e discursivas para a variável em questão. Dadas as considerações e a confirmação de nossa hipótese, descreveremos, em breve, os resultados da *ambiguidade*.

## 6.1.2 Ambiguidade

A *ambiguidade*, também considerada pela Gramática Normativa como uma das razões para o preenchimento do sujeito, foi selecionada em segundo lugar pelo GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Na Tabela 3, encontramos detalhes sobre sua atuação na representação do sujeito pronominal nos enunciados analisados:

**Tabela 3:** Atuação da ambiguidade na ausência do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular no gênero *tweet*

Ambiguidade	Apl/Total	Percentual	Peso relativo
Verbos morfologicamente (-) ambíguos	2613/3986	65,6%	0.539
Verbos morfologicamente (+) ambíguos em contextos (-) ambíguos	180/365	49,3%	0.368
Verbos morfologicamente (+) ambíguos em contextos (+) ambíguos	13/144	8,8%	0.053
<b>Total</b>	2806/4498	62,4%	

**Fonte:** Elaboração própria

Consoante o que mostra a Tabela 3, verificamos que os verbos morfologicamente menos ambíguos, que representam a maioria dos dados, privilegiam a ausência do sujeito pronominal, com 65,6% das ocorrências e peso relativo de 0.539. Nos verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos menos ambíguos, já há uma diferença nos resultados, os quais apresentam 49,3% para o sujeito nulo e peso relativo de 0.368, que reforça a primazia do sujeito preenchido em relação a sua ausência, neste fator. Quando temos verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos, os quais foram encontrados em menor número no nosso *corpus* (144 dados), temos uma preferência ainda maior pela expressão do sujeito, já que apenas 8,8% das ocorrências correspondem ao uso do sujeito nulo e tiveram 0.053 como peso relativo, demarcando mais fortemente a discrepância entre os fatores.

Em vista do que nos é revelado na Tabela 3, confirmamos que a contribuição de Paredes Silva (1988) à análise do condicionante se faz de grande valia, haja vista a inclusão da categoria verbos morfologicamente mais ambíguos em contextos mais ambíguos, a qual se sobrepôs na expressão do sujeito. Assim, como acreditamos *a priori*, os aspectos discursivos demonstraram grande importância para a variável e o princípio funcional da condição de distintividade foi confirmado, visto que, por serem semanticamente relevantes na distinção do sujeito do enunciado, os pronomes costumam ser expressos quando relacionados a verbos com desinência ambígua e contextos que trazem imprecisão ao leitor na dedução do sujeito discursivo.

Dessa forma, pudemos confirmar nossa hipótese de que a *ambiguidade* influencia na representação do sujeito pronominal, o que já havia sido constatado em outras pesquisas (Genuino, 2017; Lima, 2014; Massariol; Yacovenco, 2020; Paredes Silva, 1988). Agora, detemo-nos à continuação da análise dos dados, com a *conexão discursiva*.

### 6.1.3 Conexão discursiva

A *conexão discursiva*, terceiro grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), será mais bem descrita na Tabela 4:

**Tabela 4:** Atuação da conexão discursiva na ausência do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular no gênero *tweet*

Conexão discursiva	Apl/Total	Percentual	Peso relativo
Grau 1	693/919	75,4%	0.658
Grau 2	466/648	72,9%	0.699
Graus 3/4	81/165	49,1%	0.371
Grau 5	87/184	47,3%	0.354
Grau 6	1479/2582	57,3%	0.409
<b>Total</b>	2806/4498	62,4%	

**Fonte:** Elaboração própria

A princípio, devemos esclarecer que, em nossa observação sistemática, decidimos amalgamar os graus 3 e 4, como é notável na Tabela 4, em decorrência dos poucos números que ambos apresentavam, semelhante ao que faz Lima (2014).

Isto posto, percebemos que o grau 1 demonstra a maior frequência da ausência do sujeito nulo em comparação aos demais, com 75,4% dos dados e peso relativo de 0.658, sucedido do grau 2, que contém 72,9% de sujeitos ausentes, com peso relativo de 0.699.

A amálgama dos graus 3 e 4 obteve um número significativamente menor de omissão do sujeito, com 49,1% dos dados, o que é reforçado com o peso relativo de 0.371, comprovando a predominância do pronome expresso nestes graus. Seguindo esse caminho de redução dos números de pronome zero e aumento de ocorrências dos sujeitos preenchidos, o grau 5 possui a menor quantidade de dados com pronome zero, com 47,3% de ocorrências em alinhamento ao peso relativo de 0.354.

Distanciando-se dos percentuais de seus três últimos antecessores na escala discursiva, o grau 6 conta com 57,3% de sujeitos ausentes, mas seu peso relativo de 0.409 demonstra que, apesar do seu percentual, este grau também desfavorece o sujeito nulo e, por conseguinte, favorece o sujeito preenchido.

Inferimos que o resultado do percentual se justifica pela dispensabilidade da expressão do sujeito no início do enunciado, ocasionada pela construção composicional do gênero *tweet*. Em contrapartida, o peso relativo do grau 6 inferior a 0.500 revela que, de fato, o avanço na escala da *conexão discursiva* se mostra propício para os usos do sujeito preenchido, uma vez que os dois primeiros graus são favoráveis ao sujeito nulo, enquanto os demais privilegiam a aplicação do seu preenchimento.

Ainda a respeito do grau 6, é preciso destacar que este foi o grau com um maior número de ocorrências, com 2582 casos do total de 4498 dados, também devido ao próprio gênero que nos propomos a investigar. Como já mencionamos, os enunciados do *tweet* apresentam uma certa restrição em sua extensão e são, muitas vezes, constituídos por uma só oração, já que, além de possuir um espaço limitado para a produção textual, o autor busca velocidade ao escrever *status* curtos, nos quais, por esta razão, há uma tendência para um único aparecimento do sujeito pronominal.

Dessa maneira, o condicionante pensado por Paredes Silva (1988) demonstra grande relevância para a representação do sujeito pronominal, o que confirma nossa hipótese, assim como nas pesquisas da própria Paredes Silva (1988), de Lima (2014) e de Genuino (2017). Cumpre-nos esclarecer que não inserimos, em nossa análise, a *mudança de referência*, que corresponde à existência de outro referente para ocupar a posição de sujeito, e a *distância do referente* – a qual sugere que quanto maior a distância estabelecida por orações entre as menções ao sujeito, maior será a frequência de sujeitos expressos –, justamente por aquela estar inserida na *conexão discursiva*, que possui uma visão mais ampla que esse condicionante, e por essa última, de acordo com a crítica feita por Paredes Silva (1988), desenvolver-se de modo praticamente mecânico, desconsiderando os aspectos discursivos que se relacionam aos enunciados precedentes e subsequentes, diferentemente da *conexão discursiva*.

Nesse contexto, julgamos viável associar a *conexão* do discurso ao princípio de iconicidade, uma vez que os graus nessa escala oportunizam ou não uma previsibilidade na informação que será dada na oração posterior, quando, por exemplo, no grau 2, podemos alterar questões relacionadas aos verbos, mas permanecemos com o mesmo referente; nos graus 3 e 5, entretanto, há uma oração impessoal que separa as orações em que o “eu” é o sujeito e uma oração antecessora com um outro sujeito referente, respectivamente. Dessa maneira, os dois primeiros graus da escala sugerem uma manutenção do sujeito, o que torna seu preenchimento

desnecessário, porém, à medida que avançamos os graus, mais especificamente os graus 3, 4, 5 e 6, o sujeito se torna mais imprevisível, reforçando a necessidade de expressá-lo.

Desse modo, como supomos, corroboramos, mais uma vez, o princípio da iconicidade e, conseqüentemente, a influência da funcionalidade de questões discursivas para a variável em tela, já que informações presumíveis aqui recebem menor codificação, mas, em contrapartida, informações surpreendentes recebem maior codificação, isto é, o sujeito pronominal é expresso quando sua existência não é suficientemente esperada pelo receptor.

Após os esclarecimentos acerca da conexão discursiva, um outro grupo de fatores que merece nossa atenção é o *tipo sintático da oração*.

## 6.1.4 Tipo sintático da oração

O *tipo sintático da oração* foi selecionado em quarto lugar pelo GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), constituindo-se como o condicionante linguístico menos influente dentre os que analisamos aqui. Vejamos a sua distribuição, a seguir:

**Tabela 5:** Atuação do tipo sintático da oração na ausência do sujeito de primeira pessoa do singular no gênero *tweet*

Tipo sintático da oração	Apl/Total	Percentual	Peso relativo
Oração independente	1706/2581	66,1%	0.534
Oração principal	742/1232	60,2%	0.489
Oração dependente	358/685	52,3%	0.394
<b>Total</b>	2806/4498	62,4%	

Fonte: Elaboração própria

Verificamos, na Tabela 5, que, aqui, as orações independentes demonstraram a maior frequência de sujeito nulo entre os fatores desse condicionante, com 66,1% dos dados e peso relativo de 0.534. Em sequência, temos as orações principais com um percentual semelhante ao das orações independentes, 60,2% dos casos de ausência do sujeito, mas com um peso relativo de 0.489, que constata que tais orações, ao inibirem o apagamento do sujeito, privilegiam a sua expressão. Por fim, as orações dependentes contemplam o menor número de sujeito nulo, com 52,3% dos dados e peso relativo de 0.394, que também desfavorece a influência destas orações sobre o pronome zero.

Todavia, não nos surpreendemos com os resultados alcançados nas orações independentes, haja vista os trabalhos de Paredes Silva (1988) e Genuino (2017), que nos revelam um peso relativo de 0.52 para o pronome zero e 0.480 para a presença do pronome, nesta ordem. O comportamento das orações dependentes, por sua vez, também já era esperado, tendo em vista os resultados conquistados por Paredes Silva (1988), com um peso relativo de 0.52. Apenas as orações principais tiveram um comportamento diferente aqui quando comparamos nossos resultados com os de Paredes Silva (1988) e de Genuino (2017): nossa pesquisa apontou que, não obstante o seu considerável percentual de 60,2%, a probabilidade de ausência do pronome em orações principais é pequena, diante de seu peso relativo inferior a 0.500; enquanto em Paredes Silva (1988), essas orações tiveram peso relativo de 0.61 para o sujeito nulo e em Genuino (2017) 0.427 para o sujeito expresso.

Paredes Silva (1988), inclusive, aponta uma justificativa para a alta frequência de sujeitos preenchidos nas orações subordinadas em cartas, a qual nos parece apropriada também ao nosso caso. Tal explicação emerge nos escritos de Matthiessen e Thompson (1988) que, ao centrarem sua pesquisa nas orações subordinadas não encaixadas, correlacionam as orações combinadas à organização dos textos, uma vez que há relações entre aquelas primeiras que organizam esses últimos.

Em textos curtos e expositivos de língua inglesa, Matthiessen e Thompson (1988) encontraram cerca de vinte relações organizacionais, dentre as quais é pertinente destacar as relações núcleo-satélite e as de lista. Resumidamente, as relações núcleo-satélite se restringem às orações em que há uma oração central e outra que desta é auxiliar, enquanto as relações de lista dizem respeito às orações que não mantêm entre si nenhum traço de suplementação. Sobre ambas, os autores afirmam que “[...] as relações núcleo-satélite são difundidas em textos independentemente da gramática de combinação de orações” (Matthiessen; Thompson, 1988, p. 290, tradução nossa)<sup>13</sup>. Isto é, embora percebamos as aproximações das relações núcleo-satélite e lista com a subordinação e a subordinada, respectivamente, as relações não implicam na existência de um ou outro período sintático: tanto podem estar conectados, como podem não estar.

Assim, Matthiessen e Thompson (1988) destacam que as relações núcleo-satélite estiveram presentes em todos os textos analisados, o que os faz compreender que, em quaisquer produções textuais, há partes que são responsáveis pelos objetivos nucleares do produtor e partes que realizam os objetivos auxiliares.

---

13 No original: “[...] We wish to emphasize that Nucleus-Satellite relations are pervasive in texts independently of the grammar of clause combining.” (Matthiessen; Thompson, 1988, p. 290).

Nesta direção, Paredes Silva (1988) entende que, por a carta ser um texto puramente subjetivo, a primeira pessoa do singular tem papel nuclear e, por conseguinte, sua predominância como o sujeito de orações principais é esperada. Em sentido contrário, deve haver menos casos do “eu” nas orações dependentes, as quais têm como sujeitos personagens secundários. A autora esclarece, ainda, que há, nas cartas, as relações de lista, posto que, em diversas circunstâncias, o pronome supramencionado permaneceu como sujeito do discurso, trazendo ocorrências de orações independentes. Nessas ponderações, Paredes Silva (1988) encontra amparo para a explicação dos altos índices de omissão do sujeito nas orações principais e independentes em oposição à preferência pela sua expressão em orações dependentes.

Situação semelhante ocorre com o *tweet*, uma vez que os textos materializados nesse gênero contam, comumente, com orações independentes, conforme elucidado na Tabela 5, que apresenta tais orações como as mais frequentes em nossa amostra, totalizando 2581 ocorrências, o que favorece a relação de lista. Essa preferência decorre do funcionamento do próprio *tweet*, cujos enunciados costumam ser, como já mencionamos, breves e, muitas vezes, são constituídos apenas por uma oração. Consequentemente, tendem a possuir um único sujeito discursivo, dada a restrição de caracteres que o Twitter determina, e, também, em consequência dos próprios objetivos comunicativos do usuário do *site*. Aqui, reside nossa justificativa para o percentual favorecedor da ausência do sujeito em orações independentes.

No que se refere às orações principais, justificamos seu percentual ao também alegarmos que os enunciados que circulam no Twitter têm, muitas vezes, um caráter subjetivo, já que é desenvolvido como um *microblog*, no qual o usuário costuma compartilhar suas opiniões e vivências, principalmente em perfis pessoais, que são, justamente, os que investigamos, conferindo ao sujeito de primeira pessoa a função de figura central e, portanto, uma previsibilidade. Reiteramos que, apesar disso, não devemos considerar as orações principais favorecedoras da omissão do sujeito, haja vista seu peso relativo (0.489). Realmente, sua atuação sobre apagamento do sujeito foi maior que a das orações dependentes (peso relativo = 0.394) e mais próxima das orações independentes (peso relativo = 0.534), mas, ainda assim, não foi suficiente para que atestássemos sua influência sobre essa variante.

As orações dependentes foram as que menos privilegiaram o uso do pronome zero, como ocorreu em Paredes Silva (1988) e, em vista disso, também aplicamos a mesma motivação: as orações dependentes, no gênero *tweet*, costumam ser enunciadas por outros sujeitos discursivos, hipótese que podemos confirmar com o baixo número de orações dependentes com o sujeito de primeira pessoa do singular encontradas em nosso *corpus* – 665, no total –, o qual apresenta intensa discrepância em relação aos números de orações independentes e principais encontrados, 2581 e 1232 ocorrências, respectivamente.

Finalizadas as considerações acerca dos fatores linguísticos investigados e confirmadas nossas hipóteses, procuraremos demonstrar como se comportaram os fatores extralinguísticos.

## 6.2 Comportamento dos fatores extralinguísticos

Os fatores extralinguísticos investigados em nossa análise foram a *faixa etária* e o *sexo/gênero*, mas antecipamos que apenas a *faixa etária* foi selecionada pelo pacote de programas que utilizamos. A seguir, esmiuçaremos o comportamento dos dois condicionantes.

### 6.2.1 Faixa etária

A *faixa etária* foi o último grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Observemos sua frequência na Tabela 6:

**Tabela 6:** Atuação da faixa etária na ausência do sujeito de primeira pessoa do singular no gênero *tweet*

Faixa etária	Apl/Total	Percentual	Peso relativo
F1 (18 a 28 anos)	813/1414	57,5%	0.454
F2 (29 a 38 anos)	968/1482	65,3%	0.526
F3 (39 a 55 anos)	1025/1602	64%	0.516
<b>Total</b>	2806/4498	62,4%	

**Fonte:** Elaboração própria

A Tabela 6 nos mostra que a faixa etária 1, com 57,5% de casos de sujeito nulo e peso relativo de 0.454, foi a mais favorecedora do preenchimento do sujeito. A faixa etária 2, no entanto, foi aquela que mais priorizou a omissão do sujeito, com 65,3% das ocorrências e peso relativo de 0.526. A faixa etária 3 também privilegiou os casos de sujeito nulo, com uma frequência de 64% aliada ao peso relativo de 0.516.

Notamos que, de fato, a faixa etária 1 influenciou na explicitação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular, quando comparada às faixas etárias 2 e 3. Entretanto, entre as outras duas faixas etárias, tal diferenciação não demonstra relevância suficiente, uma vez que o grupo da faixa etária 3 utilizou um pouco menos o sujeito nulo do que o grupo da faixa etária 2, mas ainda assim privilegiou o pronome zero. Dessa forma, para que houvesse, realmente, influência desse condicionante, seria necessário que o número de dados de sujeito preenchido

fosse aumentando, à medida que avançamos os grupos de faixas etárias, ou seja, para que pudéssemos confirmar nossa hipótese, os mais velhos deveriam aderir ao pronome zero com mais frequência do que os mais jovens.

Logo, de acordo com os resultados alcançados, não podemos afirmar que se trata de uma mudança em curso, mas sim de uma variação estável. Assim, aproximamo-nos dos resultados de Genuino (2017) que, ao analisar quatro grupos de faixas etárias, com pessoas a partir dos 7 anos, chegou à conclusão de que existe uma estabilidade nesse fenômeno variável. Nos dados de Genuino (2017), embora haja, no segundo grupo, uma queda do sujeito preenchido em comparação à primeira faixa etária, quando o autor o compara com os dois últimos grupos, vê um aumento paulatino nos casos de sujeito expresso.

Feitas as devidas observações, nos dedicaremos à explanação do que ocorreu com o condicionante *sexo/gênero*.

## 6.2.2 Sexo/gênero

O *sexo/gênero* foi o único grupo de fatores não selecionado pelo GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Vejamos seu comportamento na Tabela 7:

**Tabela 7:** Atuação do *sexo/gênero* na ausência do sujeito de primeira pessoa do singular no gênero *tweet*

<b>Sexo/gênero</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>Percentual</b>
Feminino	1368/2190	62,5%
Masculino	1438/2308	62,3%
<b>Total</b>	<b>2806/4498</b>	<b>62,4%</b>

**Fonte:** Elaboração própria

A Tabela 7 aponta que não houve variação acentuada na representação do sujeito pronominal entre as mulheres e homens, os quais mostraram tendência à ausência do pronome, com 62,5% e 62,3% dos dados, respectivamente, o que justifica sua exclusão na rodada dos dados no pacote computacional. A motivação para as escolhas bastante parecidas entre as pessoas dos sexos/gêneros binários pode residir no fato de que, como Paiva (2019) pontua, é no nível lexical que encontramos resultados mais discrepantes no linguajar de homens e mulheres. Entretanto, aqui lidamos com uma variável de nível morfossintático, que também se justifica por fatores dos planos semântico-pragmático e discursivo, o que pode corroborar os resultados que alcançamos.

Resultados praticamente análogos encontramos em Paredes Silva (1988), ao investigar textos do gênero carta. Diferentemente, Genuino (2017) se deparou com um resultado favorável para a influência deste grupo de fatores na variável, a partir de dados de fala, uma vez que mulheres priorizaram a forma preenchida do sujeito, com 72,5% das ocorrências, em oposição aos homens que a utilizaram com menos frequência, totalizando 68,9% dos casos. Retomando o comparativo entre fala, escrita prototípica e virtual, percebemos, mais uma vez, resultados diferentes entre ambas, os quais marcam a aproximação entre a escrita prototípica e a escrita virtual e seu distanciamento do que é percebido sobre esse condicionante na língua falada.

**7.**

**Para terminar...**

Na contemporaneidade, cada vez mais adeptos do universo virtual para a resolução de atividades diversas, encontramos nele um exímio suporte para nossos processos comunicativos e, por conseguinte, um rico campo de investigação sociolinguística. Nesse espaço, circula uma multiplicidade de gêneros, os quais mantêm uma estreita relação não só com a escrita convencional, mas também com a fala. É pensando nisso que versamos sobre a linguagem materializada no *ciberespaço*.

Para o empreendimento da pesquisa que aqui apresentamos, uma revisão bibliográfica nos permitiu verificar, inicialmente, lacunas deixadas sobre a temática em foco por outros pesquisadores. Nesse caminho, amparados por estudos dos gêneros textuais-discursivos que os reconhecem como um produto linguístico da sociedade que, ao mesmo tempo, atua de modo intrínseco em seu funcionamento, objetivamos analisar a representação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular no gênero *tweet*. Além disso, buscamos verificar os fatores linguísticos e sociais que interferem nesta regra variável, bem como comparar nossos resultados com outros trabalhos referentes à fala e à escrita prototípica, para que pudéssemos apresentar suas diferenças e semelhanças.

No estudo em tela, contamos também com o “casamento” entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico Norte-Americano. Inicialmente, coletamos, sob as premissas sociolinguísticas, os dados necessários em perfis pessoais do Twitter, os codificamos e os submetemos ao GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que nos permitiu a verificação estatística da variável em foco. Em seguida, realizamos uma interpretação qualitativa dos resultados alcançados, com base nas hipóteses de iconicidade e de condição de distintividade, que visam a explicar o uso de uma variável, a partir de sua motivação funcional.

Assim, os resultados gerais viabilizaram a confirmação de nossa hipótese inicial: por ter como finalidade a divulgação de fatos, opiniões ou até de outras questões pessoais, visto sua realização a partir da pergunta “o que está acontecendo?”, o gênero *tweet* mostrou forte tendência à ausência do pronome como sujeito de seus enunciados, além de que sua própria estrutura já reforça, em cada postagem, o seu autor. Não podemos esquecer, ainda, que em nossa pesquisa foram considerados apenas perfis pessoais, o que pode influenciar na previsibilidade do sujeito, bem como seu suporte que possui características de uma versão limitada, em níveis de extensão, do *blog*, o qual também se mostrou favorável ao uso do pronome zero, como já foi atestado em pesquisa de outra autora. Assumimos que, em casos específicos, a pouca quantidade de caracteres pode ter influenciado os produtores dos textos na escolha da forma linguística, mas que essa investigação não nos compete, em vista dos nossos propósitos.

Verificamos, dessa forma, a interferência da construção composicional e, conseqüentemente, do estilo do gênero na escolha dos falantes acerca da representação do sujeito de primeira pessoa do singular e confirmamos a validação do princípio de iconicidade, pois, por haver uma previsão de quem se trata o sujeito discursivo, os enunciados obtêm uma menor codificação ao apresentarem preferência pelo pronome zero.

No que concerne aos fatores linguísticos que investigamos, confirmamos nossa hipótese, posto que constatamos a influência da ênfase, da *ambiguidade*, da *conexão discursiva* e do *tipo sintático da oração* sobre variável dependente, isto é, reforçamos a importância de condicionantes morfossintáticos, semântico-pragmáticos e discursivos para nosso objeto de estudo, ao percebermos a relevante necessidade de se preocupar com os planos linguísticos, mutuamente, e suas funções, como preconiza o próprio Funcionalismo Linguístico.

A ênfase foi a primeira selecionada pelo pacote de programas computacionais, corroborando a visão da Gramática Normativa, mas sob a visão ampla e discursiva que Paredes Silva (1988) nos forneceu. A *ambiguidade* também teve forte influência em sua representação e, por este motivo, pudemos confirmar a importância da condição de distintividade, a qual nos mostrou que os aspectos discursivos da variável de natureza morfológica interferiram diretamente na ausência/preenchimento do pronome, pois a forma “eu” teve sua atuação na extrema maioria dos casos em que os contextos discursivos tornam sua presença semanticamente relevantes.

A *conexão discursiva*, terceira selecionada pelo *software*, também manteve o comportamento esperado e, aqui, retomamos a importância da iconicidade, uma vez que, ao perdermos paulatinamente uma conexão no discurso, afastamo-nos de informações, como a do sujeito discursivo, e, conseqüentemente, precisamos reforçá-las, a partir de uma maior codificação realizada pelo seu preenchimento. O *tipo sintático da oração* foi selecionado em quarto lugar e, por isso, apresenta menor influência que os seus antecessores para a representação do sujeito pronominal, mas, ainda assim, pudemos associar seus resultados às relações núcleo-satélite e de lista, da retórica do texto, as quais o autor do texto pode utilizar em sua produção, a partir dos seus propósitos comunicativos.

Ao contrário do que verificamos com os condicionantes de natureza linguística, tivemos nossa hipótese acerca dos fatores extralinguísticos refutada. Na *faixa etária*, o primeiro grupo (f1) – com os participantes mais jovens da nossa pesquisa – até favoreceu o uso do pronome, em oposição aos grupos subsequentes (f2 e f3), mas nestes o aumento do preenchimento pronominal se concretizou de modo bastante similar nos percentuais e pesos relativos, os quais nos fazem compreender a estabilidade no uso da variável. O *sexo/gênero* sequer foi selecionado pelo GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), posto que a alta frequência de ausência do sujeito foi encontrada, em ambos os sexos/gêneros, em números praticamente idênticos.

Em resumo, corroboramos a extrema relevância de fatores semântico-pragmáticos e discursivos para a variável analisada, além de que pudemos encontrar explicações funcionais até mesmo para o grupo de fatores sintáticos, o tipo da oração, o que demonstra o sucesso da vertente sociofuncionalista. Entendemos, pois, que os falantes realizam suas escolhas linguísticas, em acordo com o que querem transmitir para o receptor. Em sentido oposto, constatamos que os condicionantes de natureza social pouco ou nada interferiram na representação do sujeito pronominal e, por esse motivo, os consideramos irrelevantes, em nosso caso.

Com efeito, a nossa quarta hipótese acerca da relação entre a CMC e as formas convencionais de produção da língua foi confirmada, uma vez que nossos resultados gerais são similares aos que Paredes Silva (1988) encontrou com dados retirados de cartas, mas diferentes dos alcançados por Genuino (2017), em entrevistas sociolinguísticas. Inferimos que isso se deu em decorrência dos objetivos do gênero *tweet* e da variável que investigamos. Variáveis distintas se comportam de modo distinto. Com os gêneros também não é diferente, já que, em nossa perspectiva, são eles que influenciam diretamente na realização da língua. Acreditamos, pois, que, no que concerne ao uso do sujeito pronominal, um estudo com gêneros de cunho mais interacional poderia trazer resultados mais próximos da fala, como em *chats*, nos quais se tem maior semelhança com conversas face a face.

Isto posto, ao atingirmos os objetivos estabelecidos, esperamos que essa obra possa contribuir para os estudos linguísticos que se voltam para a compreensão da representação do sujeito pronominal no PB, bem como que lancemos luzes para as pesquisas sobre gêneros circunscritos à esfera virtual, mais especificamente o gênero *tweet* e suas peculiaridades, não obstante as possíveis lacunas que tenhamos deixado. Aliás, nessas últimas linhas de nosso texto, pretendemos deixar evidente o nosso desejo de que, desta reflexão, nasçam novos questionamentos, os quais possam dar continuidade ao que já iniciamos, em uma busca por novas respostas e contribuições, de um modo ainda mais maduro e inovador. A língua e os gêneros, gradativamente, apresentam-nos novos caminhos e, portanto, seus alcances, dentro do escopo da Sociolinguística, não se encerram aqui.

# Referências

ALVES, Thiago Gil Lessa. **A expressão da futuridade nos tipos do discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses**. 2011. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: [www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8894](http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8894). Acesso em: 26 set. 2021.

AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira; PEREIRA, Márcia Helena de Melo; AYRES, Dayana Junqueira. O *tweet* como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. **Philologus**, v. 27, n. 79, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/111>. Acesso em: 27 maio 2022.

AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira; PEREIRA, Márcia Helena de Melo; GUERRA, Filipe Santos. Estratégias de adequação estrutural no Twitter: ajustes hipertextuais ao limite de 280 caracteres. *In: XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 2020. Anais [...]*, v. 9, n. 1, 2020. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_linguagem\\_tecnologia/article/view/17713](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/17713). Acesso em: 25 jun. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. Paulo: Editora 34, 2016.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Novak Campinas: Pontes, 1991.

BIAZOLLI, Caroline Carlielli; BERLINCK, Rosane de Andrade. Apresentação. *In: BIAZOLLI, Caroline Carlielli; BERLINCK, Rosane de Andrade (org.). Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 7-12.

BIAZOLLI, Caroline Carlielli; BERLINCK, Rosane de Andrade. Por que investigar processos de variação e mudança linguísticas por meio de gêneros textuais-discursivos? *In: BIAZOLLI, Caroline Carlielli; BERLINCK, Rosane de Andrade (org.). Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 13-38.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. *In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (org.). Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 45-61.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 141-155.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**: the pisa lectures. 5. ed. Dordrecht: Foris Publications, 1988.

CREUS, Susana; MENUZZI, Sergio. Sobre o papel do gênero semântico na alternância entre objetos nulos e pronomes plenos em Português Brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 3, n. 1/2, 2004. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/931>. Acesso em: 02 jul. 2021.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DEMÉTRIO, Alana Kercia Barros; COSTA, Maria Helenice Araújo. Oralidade e escrita: hibridismo no Twitter. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 98-108, 2013. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/138>. Acesso em: 25 jun. 2022.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro**. 1995. 151 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270366>. Acesso em: 30 jun. 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREITAS, Ernani Cesar; BARTH, Pedro Afonso. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros no Twitter. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 9, n. 12, p. 8-26, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/8888#:~:text=O%20twitter%20%C3%A9%20uma%20mescla,comunica%C3%A7%C3%A3o%20encontradas%20na%20rede%20social>. Acesso em: 25 jun. 2022.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-55.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 157-176.

GENUINO, Wladimir Ricardi Alves. **A expressão do sujeito pronominal no Português falado em Vitória/ES**. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/10345>. Acesso em: 03 jul. 2021.

GIVÓN, Talmy. Isomorphism in the grammatical code: Cognitive and biological considerations. **Studies in Language**, v. 15, n. 1, p. 85-114, 1991. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/sl.15.1.04giv>. Acesso em: 14 maio 2022.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, v. 1, 2001.

HOCHBERG, Judith G. Functional compensation for /s/ deletion in Puerto Rican Spanish. **Language**, v. 62, n. 3, p. 609-621, 1986. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/415480>. Acesso em: 14 maio 2022.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response a Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, Austin, n. 44, 1978. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED157378>. Acesso em: 23 maio 2022.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Chang**, v. 2, p. 205-254, 1990. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/intersection-of-sex-and-social-class-in-the-course-of-linguistic-change/AAA8227B739187F5D2CBDA51EA212FD8>. Acesso em: 25 jun. 2022.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Blackwell: Massachusetts, v. I, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Blackwell: Massachusetts, v. 2, 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, Great Britain, n. 7, p. 171-173, 1978. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/abs/where-does-the-sociolinguistic-variable-stop/8424AE98DD2B0643809D006099908CE4>. Acesso em: 23 maio 2022.

LÉ, Jaqueline Barreto. Blog e Twitter: Composição, Conteúdo e Estilo em Gêneros Jornalísticos Digitais. *In: VI SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*, 2011, Natal. **Anais** [...] Natal: UFRN, v. 1. p. 1-15, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Third-person pronouns and zero-anaphora in chinese discourse. *In: GIVÓN, Talmy (org.). **Syntax and semantics**: discourse and syntax*. New York: Academic press, v. 12, 1979. p. 311-335.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. **Mandarin chinese**: a functional reference grammar. Berkeley: University of California Press, 1981.

LIMA, Yalis Duarte Rodrigues. **A variação do sujeito de primeira pessoa do singular no gênero blog**. 2014. 58 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & ensino**, Pelotas, v. 4, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15529>. Acesso em: 24 maio 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino***. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In: KARWORSKI, Acir Mário; GAIDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-30.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. *In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva (org.). **Fala e escrita***. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 13-30.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem do século XX. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-28.

MARTINS, Ana Paula Pereira; PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O uso de SNs como rótulos em entrevistas jornalísticas. **Linguística**, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4410>. Acesso em: 24 maio 2022.

MASSARIOL, Caroliny Batista; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A condição de distintividade na variação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular em cartas escritas por um capixaba. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 28, p. 473-491, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/31334>. Acesso em: 14 maio 2022.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and 'subordination'. *In*: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A (org.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 9-14.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional**. São Paulo: Contexto, 2018.

OTHERO, Gabriel de Ávila; SPINELLI, Ana Carolina. Sujeito pronominal expreso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 7-33, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41951>. Acesso em: 02 jul. 2021.

PAIVA, Maria da Conceição A. de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 33-42.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarentena anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. *In*: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 131-151.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas**: a variação do sujeito na escrita informal. 1988. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 121-138, 1998. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/%20article/view/2298>. Acesso em: 24 jun. 2022.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-178, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4399>. Acesso em: 11 jul. 2021.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Gêneros e tipos de texto: aproximações e distinções. **Diacrítica**, Braga, n. 24/1, p. 471-489, 2010. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://cehum.ilch.uminho.pt/cehum/static/publications/diacritica24-1.pdf&ved=2ahUKEwjY9aCpm\\_f3AhVgCrkGHYCxCFgQFnoEAcQAQ&usg=AOvVaw1GiM2uGKXMaePP7\\_G5sj-W](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://cehum.ilch.uminho.pt/cehum/static/publications/diacritica24-1.pdf&ved=2ahUKEwjY9aCpm_f3AhVgCrkGHYCxCFgQFnoEAcQAQ&usg=AOvVaw1GiM2uGKXMaePP7_G5sj-W). Acesso em: 24 maio 2022.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Variação nos processos de referenciação correlacionada a gêneros discursivos. **Revista do GELNE**, Natal, v. 14, n. 1/2, p. 273-300, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9374>. Acesso em: 14 maio 2022.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Sociolinguística e Texto. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016. p. 185-195.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia; PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. A escrita na *Web* e variação linguística: sujeito, objeto direto, *blogs* e WhatsApp. In: DIAS, Nilza Barrozo; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Estudos sobre o português em uso**. Uberlândia: Pangeia, 2020. p. 214-223. *E-book*. Disponível em: <https://editorapangeia.com.br/product/estudos-sobre-o-portugues-em-uso/>. Acesso em: 03 jul. 2021.

PARENTE, Daniel Victor Teixeira. **A escrita sintética no Twitter**: um estudo sobre estratégias de composição textual em esferas interpessoais e institucionais. 2014. 196 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=84948>. Acesso em: 27 maio 2022.

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo. **Linguística Rio**, v. 2, n. 2, p. 50-60, 2016. Disponível em: <https://www.linguisticario.letras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/pinheiro.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. A variação do objeto direto de 3ª pessoa em uma escrita próxima à fala: conversas de WhatsApp. *In: X CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 2017, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: UFF, p. 154-165, 2017. Disponível em: <https://shorturl.at/FIQBf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. **Das cartas aos chats: a variação do objeto direto de 3ª pessoa e a escrita informal no papel e na web**. 2021. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1LEiKFuBbBQvID5g7n2-T7G9-VapaGEZk/view>. Acesso em: 30 jan. 2022.

POPLACK, Shana. Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish. **Language**, v. 56, n. 2, p. 371-385, 1980. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/452173/pdf>. Acesso em: 14 maio 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Nova Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 07 maio 2021.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2011.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. *In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 117-133.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TARALLO, F. Por uma sociolinguística românica “paramétrica”: fonologia e sintaxe. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, Belo Horizonte, n. 13, p. 51-83, 1985. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/8009>. Acesso em: 07 maio 2024.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84869>. Acesso em: 14 maio 2022.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

WEINER, E. Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, n. 19, p. 29-58, 1983. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4175664>. Acesso em: 23 maio 2022.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

**Sobre a autora**

**Jenifer Santos Bezerra** possui licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atualmente, é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Regional do Cariri (PPGL/URCA), no qual é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e cujo projeto de pesquisa, circunscrito às imagens discursivas da mulher na canção popular, insere-se na linha *Língua, Discurso e Identidades*. Durante a graduação, atuou por quatro semestres como monitora na disciplina *Laboratório de Leitura e Produção Textual II*. Participou do Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades (DISCULTI/URCA/CNPq). Em suas pesquisas, direciona-se, sobretudo, às orientações teórico-metodológicas da Sociolinguística e da Análise do Discurso.

**E-mail:** [jenifer.santos@urca.br](mailto:jenifer.santos@urca.br)

**Currículo lattes:** <https://lattes.cnpq.br/9425426590144371>.

Publique com a gente e  
compartilhe o conhecimento



[www.lettraria.net](http://www.lettraria.net)

